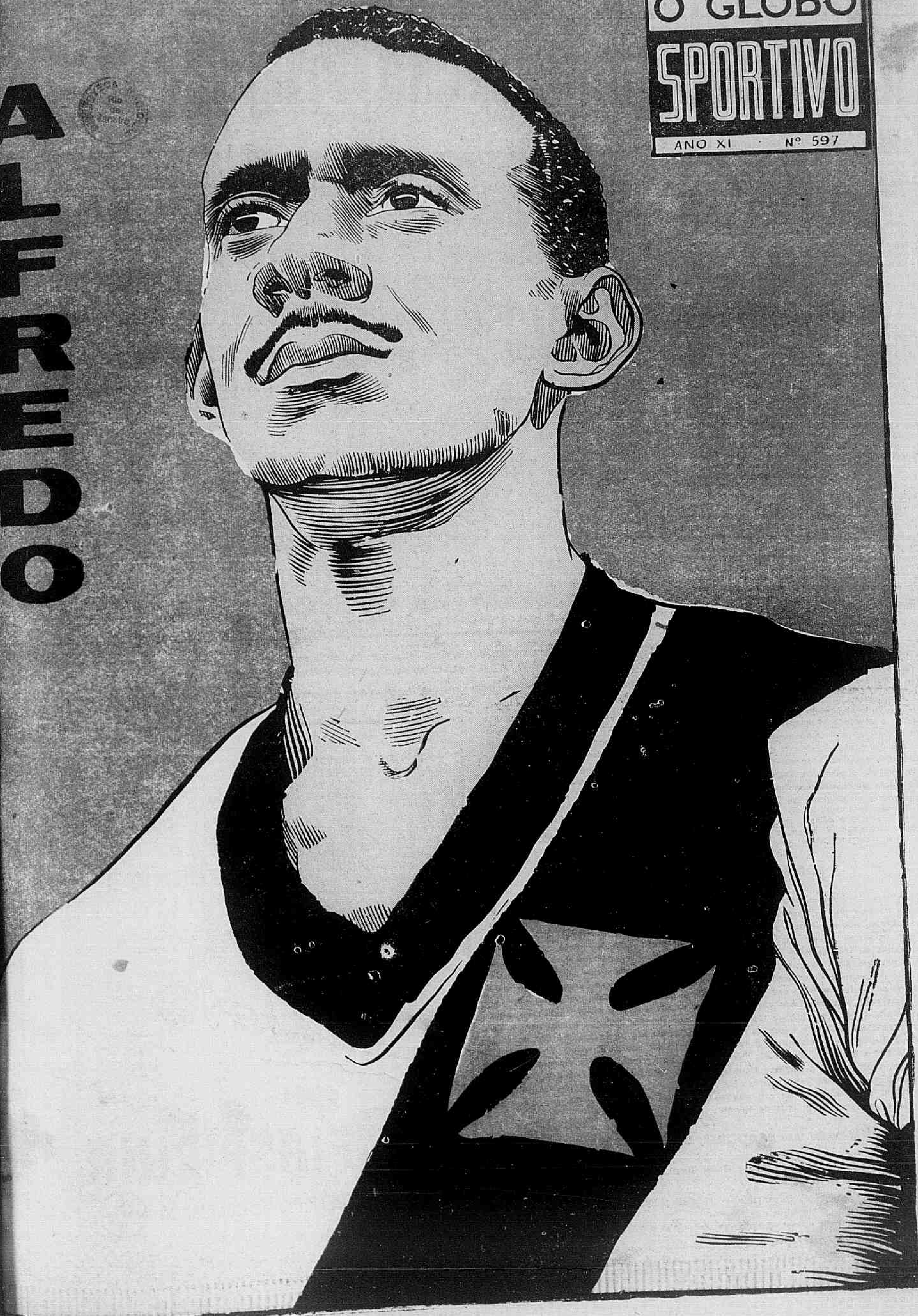
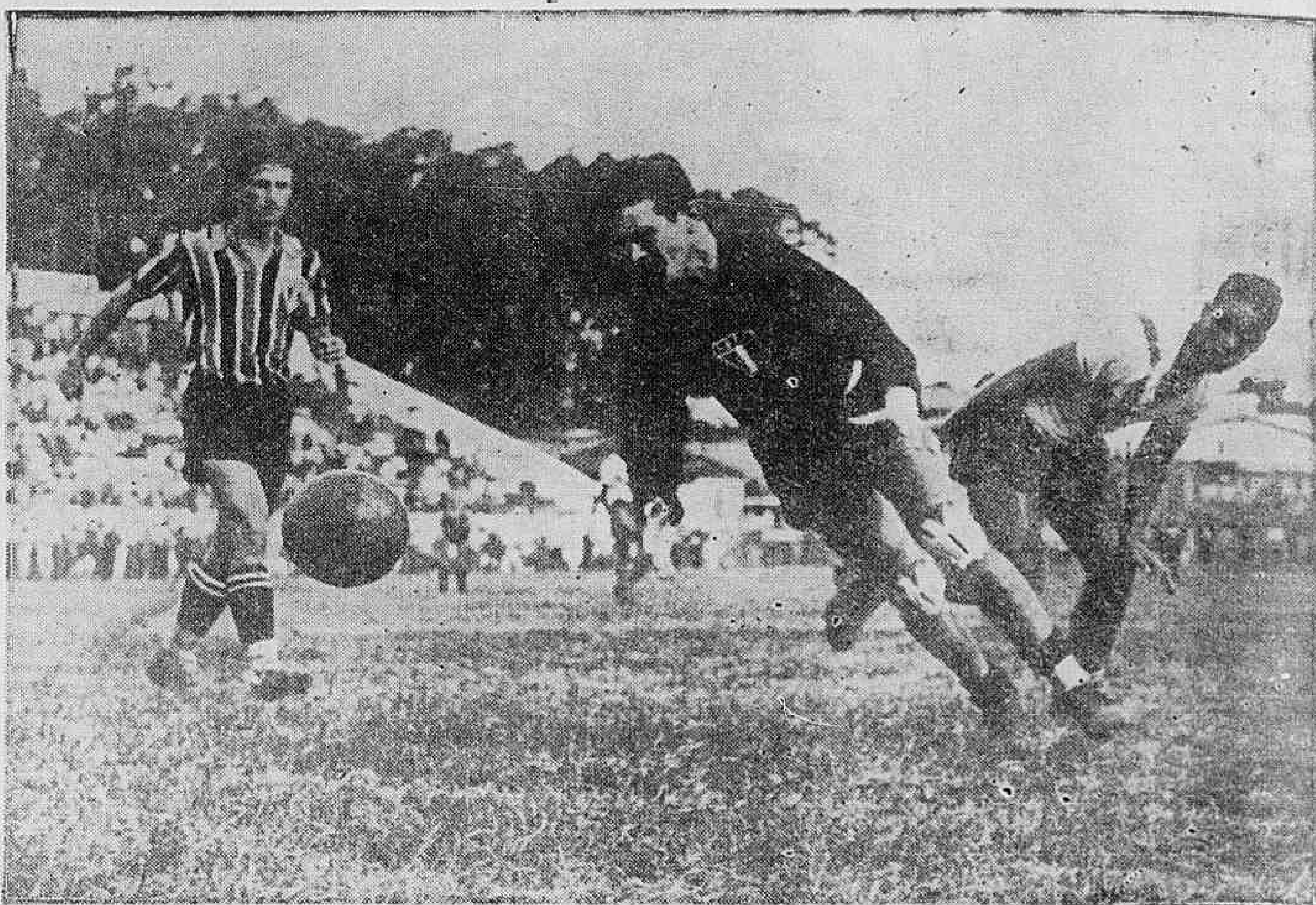
O GLOBO
SPORTIVO
ANO XI Nº 597



Vitoria Dos Gauchos No Primeiro Match

S. PAULO, fevereiro (De P. Frank, especial para O GLOBO SPORTIVO) — Gauchos e baianos proporcionaram à torcida bandeirante a primeira peleja do Campeonato Brasileiro em gramados paulistas. Vindos de derrotar, respectivamente, paranaenses e pernambucanos, os dois contendores à primazia de enfrentar a seleção paulista tinham sua estréia cercada de curiosa expectativa. Dos gauchos, sabia-se que, estando em campo quase todo o quadro do Gremio, que tão bem se houve no Exterior, eram fortes candidatos à vitoria, mercê de sua melhor classe, já comprovada em certames anteriores. Quanto aos baianos, há muitos ausentes dos campos paulistas, pouco ou nada se sabia; alijaram as seleções sergipanas e pernambucana com dificuldade, e isto não os recomendava bem, mas, como sempre, o quadro da "boa terra" contava com maior simpatia da torcida, pois tudo fazia crer que era o mais fraco dos dois. Assim é que, apesar do encontro ter sido disputado no Parque Antártica, local de dificil acesso e sem as comodidades do Pacaembú, que se encontra em reformas para a Copa do Mundo, regular assistencia presenciou o prelio, saindo satisfeita do espetáculo que sulinos e nordestinos lhes proporcionaram. A peleja, com duas fases distintas, esteve longe de ser um espetáculo completo, principalmente na parte técnica, mas a movimentação das equipes, principalmente dos baianos, manteve os torcedores em constante expectativa, satisfazendo-os inteiramente. Na primeira fase, onde o equilibrio foi patente, foi construido o placard da peleja, favoravel aos gauchos, que se houveram com mais harmonia e demonstraram possuir classe mais apurada que seus contendores. Os baianos salvaram-se pelo entusiasmo e "elan" com que disputavam a pelota, envolvendo seus adversarios com maior velocidade e disposição para a luta. Na fase final, muito embora não contasse com o concurso efetivo de um atacante, machucado no primeiro periodo, os baianos dominaram inteiramente a peleja, em busca do empate e mesmo da vitoria, que lhes seria um premio merecido. Mas a boa forma de Sergio e a falta de chance não permitiu a alteração no marcador e assim a pugna terminou com o placard de dois tentos a um para os gauchos, estabelecido na fase inicial



Sergio saiu do arco para enfrentar Carlitos, foi superado no lance e procura corrigir, para evitar a entrada da pelota no arco que lhe estava confiado

OS GAUCHOS NÃO CONVENCERAM

A exibição do conjunto sulino, ao contrario do que se esperava, não foi convincente. Dotados de classe indiscutivelmente superior aos baianos, não lograram os representantes dos Pampas demonstrá-la categoricamente, mostrando por vezes, como se verificou em quase todo o transcorrer da fase final, impotentes para conter o entusiasmo e o arrojo de seus adversarios. Com uma defesa algo fragil, sem ligação perfeita com o ataque, preocupada quase que exclusivamente em se defender, caiu de muito o rendimento da equipe, uma vez que os ataques nasciam de jogadas isoladas que nunca se completavam em frente ao arco adversario. Os dois tentos assinalados, ambos por Adãozinho, foram, o primeiro, fruto de uma confusão em frente à meta de Lessa, bem aproveitada pelo desenvolto centroavante, uma das grandes figuras de sua equhipe, enquanto que o segundo se originou de uma indecisão do arqueiro baiano e, ainda, do senso de oportunidade do comandante do ataque gaucho. Analisando individualmente, destacou-se o trabalho de Sergio e Clarel, no triângulo final, com Joni regular, Adams e Heitor da intermediaria, seguidos de Hugo, e no ataque Adãozinho e eGada os melhores, com Hermes, Medina e Gita regulares.

BOA EXIBIÇÃO DOS BAIANOS

Enquanto que do lado gaucho o panorama geral primou pelo marasmo, do lado dos nordestinos o entusiasmo, a fibra e a velocidade foram suas principais armas. Inferiorizados tecnicamente, não se deixaram abater os baianos e exigiram o máximo de seus adversarios, sem conseguir porem fugir à derrota por absoluta falta de sorte. No periodo final nada menos de três grandes oportunidades fugiram-lhes no instante decisivo, quando tudo parecia perdido para os gauchos. Com uma zaga bastante firme, boa atuação do centro-medio e um excelente trabalho da ala esquerda atacante, os baianos tiveram mais presença no gramado, tornando-se por isso merecedores de um resultado melhor, o que todavia não desmerece a vitoria dos gauchos, antes aumenta-lhe o valor. Lessa no arco falhou no segundo tento, portando-se regularmente nos demais lances. Bacamarte e Zé Grilo, principalmente o primeiro, atuaram muito bem, anulando as investidas dos avantes gauchos. Na linha media destacou-se o trabalho de Berto, pouco fazendo Pedrinho e Raimundo. Na linha atacante, Tombinho machucou-se na primeira fase e foi um elemento nulo; Chaves trabalhador e Carlitos impetuoso, mas falhando nos arremates e conclusões. A ala Joãozinho-Isaltino foi o ponto alto da equipe, com uma exibição magnifica. O meia assinalou o único tento do seu quadro de forma magistral e foi o criador da maioria das investidas contra o arco de Sergio.

QUADROS MARCADORES, JUIZ E RENDA

Os sulinos atuaram com: Sergio, Clarel e Joni; Hugo, Adams e Heitor; Medina, Hermes, Adãozinho, Geada e Gita.

Os baianos formaram: Lessa; Bacamarte e Zé Grilo; Pedrinho, Berto e Raimundo; Tombinho, Chaves, Carlitos, Joãozinho e Isaltino.

Marcaram os tentos, pela ordem, Adãozinho, Joãozinho e Adãozinho

O árbitro foi Mr. Harry Rowley, da F. P.F., com muito boa atuação. Agiu com certo rigor ao expulsar o meia baiano Chaves, nos minutos finais da peleja, por atingir Sergio num choque que nos pareceu casual. No mais, sempre preciso e firme.

A renda atingiu a Cr$ 152.165,00

Passou a dôr?
-um SORRISO-



graças a
CAFIASPIRINA
O REMÉDIO DE CONFIANÇA



DA PRIMEIRA FILA

O PAI DO TOVAR

MARIO FILHO

JAIR TOVAR, professor da Faculdade de Direito, nunca conseguiu ser o Tovar. Primeiro foi o filho do Tovar, depois o pai do Tovar. Lá no Espírito Santo o Tovar era o Doutor João Luiz de Albuquerque Tovar, secretario da Fazenda. Não adiantara de nada Jair Tovar crescer, formar-se, andar de anel de doutor no dedo, vir para a Câmara como deputado federal. Os que o conheciam só sabiam tratá-lo como o filho do Tovar. Bom rapaz o filho do Tovar. Rapaz de valor o filho do Tovar. Era verdade que no Rio Jair Tovar se sentia um pouco o Tovar. Quando não andava em roda capixaba era quase o Tovar. Quase, porque se os outros não sabiam ele bem sabia que era o filho do Tovar. O hábito avivava-lhe a memoria. Quando alguem dizia "o Tovar", ele custava a se reconhecer. Pensava sempre que se estava falando do Tovar, do pai dele. Por isso prestava mais atenção, arrumava o melhor sorriso, quase agradecia. E no fim o Tovar de quem se falava era ele mesmo.

TALVEZ se acostumasse se o filho não desse para jogar football. Houve um momento em que Jair Tovar esteve quase se tornando o Tovar. Professor da Faculdade de Direito, os acadêmicos tinham de saber o nome dele, só conheciam um Tovar. O Tovar era Jair Tovar. O Doutor Jair Tovar. Não havia outro. Deixe estar que era bom ouvir o proprio nome, sentir-se o proprio nome. Durou pouco a alegria de Jair Tovar. O Paulo, Luiz Paulo Neves Tovar, começou a jogar football. E o que é pior: a jogar bem. A aparecer. Podia ser o Luiz, o Paulo, foi ser o Tovar. Era a sina de Jair Tovar. O brasileiro não gosta de chamar o jogador de football pelo sobrenome: toma logo a intimidade do primeiro nome. Quando não vais mais longe. Para o diminutivo: Lindinho, Vadinho, Russinho. Para o apelido: Batataes, Tim, Lelé. A gente conta com os dedos da mão os sobrenomes do football. Um Belfort Duarte, um Borghert, um Nery, um Fortes, quase todos dos velhos tempos. Influencia inglesa.

INFLUENCIA inglesa que provocou logo uma reação do torcedor brasileiro. O torcedor brasileiro não aceitando as escalações inglesas. O primeiro e o segundo nome virando iniciais, só valendo o sobrenome, o nome de família. Pois, apesar de tudo isso, do hábito brasileiro de chamar o jogador pelo primeiro nome, em Luiz Paulo Neves Tovar o torcedor foi direitinho para o último nome: Tovar. A intimidade vinha na frente, no "o". O Tovar. Foi só o Tovar, quer dizer, o Luiz Paulo Neves Tovar, acertar uns chutes, ser descoberto pelo torcedor, para que Jair Tovar, o professor da Faculdade de Direito, passasse a ser, irremediavelmente, o pai do Tovar. Mesmo na Faculdade de Direito. "Qual é seu professor?" "O pai do Tovar". "Do Tovar?" "Sim". Quando se dizia o Tovar já se sabia: não era Jair Tovar, o professor da Faculdade de Direito, era o Luiz Paulo Neves Tovar, o jogador de football. Só Jair Tovar não chamava o Tovar de Tovar. Para ele o Luiz Paulo Neves Tovar continuava a ser o Paulo, o Paulinho. O filho querido. Com uma diferença: o filho era um jogador famoso de football.

OS JORNAIS publicavam o nome dele em letras grandes, o clichê dele enchendo duas, três colunas. De quando em quando Jair Tovar ouvia gente na rua, no ônibus, falando do filho. Do Tovar. Quem estava falando não conhecia Jair Tovar, não sabia que Jair Tovar era o pai do Tovar. E Jair Tovar preferia que não soubesse. Assim, ignorado, ele se sentia como alguem atrás de uma porta ou olhando pelo buraco de uma fechadura. Jair Tovar inclinava o ouvido, babava-se todo de satisfeito. Quem podia imaginar que ele era o pai do Tovar? Toda vez que o apresentavam como o pai do Tovar, ele surpreendia no olhar de quem lhe apertava a mão mais do que surpresa: se não era incredulidade, pouco faltava. A admiração do torcedor por Tovar quase que o isolava como um ser à parte. Sem mãe, sem pai, sem ninguem, só ele. Jair Tovar temia aquela surpresa, aquela quase incredulidade que se transformava, logo depois — é o pai do Tovar, ele mesmo, em carne e osso — em uma especie de veneração. O aperto de mão prolongava-se, "o senhor é o pai do Tovar, hem?", o admirador do Tovar recuava um passo, tomava distancia, para ver melhor o pai do Tovar.

A MODESTIA de Jair Tovar fazia-o encolher-se. A vontade que ele tinha era de fugir, desaparecer. Para não esmagar ninguem com aquela paternidade gloriosa. Porque bastava que se apontasse para ele, é o pai do Tovar, e olhos se arregalavam, e queixos caiam. O pai do Tovar! Jair Tovar sentia-se um pouco culpado de uma coisa que não estava certo. Tudo que se fizesse pelo filho estava certo. Nunca ele achava demasiado: o Paulinho bem que o merecia. Mas por ele não se devia fazer nada. Não era ele quem dava os "dribblings" em campo, não era ele quem marcava os goals. Quem era ele? Apenas o pai do Tovar. Como se fosse pouco ser o pai do Tovar. Quem não conhecesse bem Jair Továr podia pensar que aquela modestia toda era pose. Que pose qual nada! Jair Tovar era assim. Talvez porque não tivesse sido nunca o Tovar. Olha o filho do Tovar, olha o pai do Tovar. A experiencia de filho do Tovar não lhe adiantara de nada. Só ele sabia o que era ser pai do Tovar.

E PORQUE sabia procurava o mais possivel andar incógnito pelas ruas. Nos campos de football, então, nem se fala. Jair Tovar metia-se no meio da multidão, nem abria a boca. Apenas se torcia todo quando o Tovar pegava a bola. Ele não precisava gritar pelo Tovar. Todas as bocas gritavam por ele. "Ai, Tovar! Tovar!" O jogo acabava, Jair Tovar saía, a cabeça baixa para que ninguem o reconhecesse. Se alguem o reconhecesse, juntaria gente. O pai do Tovar! E muita gente nem desconfiava que ele era o pai do Tovar. Como se podia desconfiar se Jair Tovar não aparecia nos clichês dos jornais, se não dava entrevistas, se andava fugindo? Para que se tenha uma idéia de como Jair Tovar andava incógnito pelas ruas e pelos campos de football: o porteiro do Botafogo ignorava completamente que Jair Tovar fosse o pai do Tovar. Viu Jair Tovar na frente dele, pediu a carteira, ficou olhando Jair Tovar mexer nos bolsos à procura da carteira, meio desconfiado que Jair Tovar não tinha carteira nenhuma, não era socio do clube, era um carona que queria fazê-lo de bôbo.

O PORTEIRO bem que conhecia aquela chave de "eu esqueci a carteira em casa". Tambem foi logo dizendo: "O senhor me desculpe: sem carteira não entra". "Mas eu sou socio, socio quite". "Se é socio, mostre a carteira". "Eu já lhe disse — Jair Tovar começou a ficar nervoso, a gaguejar um pouco — que esqueci a carteira em casa". "Pois eu sinto muito — o porteiro balançou a cabeça — mas o senhor não entra sem carteira". Jair Tovar esteve quase, quase fazendo aquela coisa bem brasileira do "sabe com quem está falando?" Mas ai ele teria de dizer quem era, que era o pai do Tovar. Ele não queria entrar como o pai do Tovar, queria entrar como socio do Botafogo, como Doutor Jair Tovar, professor da Faculdade de Direito. "O senhor — Jair Tovar empinou o queixo, tentou fulminar o porteiro com um olhar de dignidade ofendida — o senhor está me confundindo". O porteiro nada. "Eu sou o Doutor Jair Tovar — Jair Tovar carregou no doutor, o doutor abafou o Tovar — não tenho necessidade de mentir". "Trouxesse a carteira" — foi a resposta do porteiro. E depois de dizer "trouvesse a carteira" o porteiro nem se dignou mais a olhar para Jair Tovar.

JAIR TOVAR, sem saber como, começou a rebuscar os bolsos. Não à procura da carteira de socio do Botafogo. A carteira de socio do Botafogo ficara em casa, mas talvez Jair Tovar encontrasse um documento, a carteira de identidade, por exemplo. Nem a carteira de identidade ele trouxera. "Meu amigo — o meu amigo escapuliu dos labios de Jair Tovar sem querer, ele daria qualquer coisa para não ter chamado aquele porteiro de meu amigo — eu sou o Doutor Jair Tovar" — Jair Tovar esticou o dedo anular, quase esfregou o anel de advogado no nariz do porteiro. "Isso não interessa — o porteiro deu para bater o pé, impaciente. — A carteira". "Eu sou professor da Faculdade de Direito, não vou mentir para entrar de graça num campo de football. Não sou nenhum João Ninguem. Fui deputado federal". O porteiro olhou com absoluto desprezo para Jair Tovar. "Seu doutor, essa papa não pega: a carteira". Jair Tovar enterrou a mão no bolso de trás, puxou a carteira de dinheiro para o porteiro ver que não era por falta de dinheiro que ele estava ali. Se ele quisesse compraria uma cadeira, duas cadeiras. Jair Tovar contou o dinheiro por alto, cadeiras à vontade. O porteiro apenas sorriu de cima. "Eu não nasci ontem, seu doutor". Jair Tovar, ai, não aguentou mais — bem que o insolente merecia uma lição, aquilo não podia

(Conclui na página 10)

OITENTA MILHÕES DE CRUZEIROS RENDERAM AS LUTAS DE JOE LOUIS

O sucesso da campanha do ex-campeão mundial — As exibições na América do Sul

Joe Louis pretende vir à América do Sul, para fazer uma serie de exibições. Desde quando começou a sua carreira, as suas lutas — pelo campeonato oficial — renderam cerca de oitenta milhões de cruzeiros. A relação das arrecadações é a seguinte, em dolares:

1934

Jack Kracken — Chicago	$	50.00
Willie Davis — Chicago	"	60.00
Larry Udell — Chicago	"	75.00
Buck Kranz — Chicago	"	125.00
Buck Everett — Chicago	"	150.00
Otto Borchuk — Detroit	"	106.00
Adolph Winter — Chicago	"	200.00
Art Sykes — Chicago	"	280.00
Jack O'Dowd —Detroit	"	111.00
Stanley Poreda — Chicago	"	300.00
Charley Massera — Chicago	"	1.100.00
Lee Remage — Chicago	"	2.200.00
Total	$	4,757.00

1935

Patsy Perroni — Detroit	$	4,200.00
Hans Birkie — Pittsburgh	"	1,900.00
Lee Ramage — Los Angeles	"	4,354.00
Red Barry — San Francisco	"	3,270.00
Natie Brown — Detroit	"	6.589,00
Roy Lazer — Chicago	"	11,212.00
Primo Carnera — N.Y.C.	"	60,433.00
King Levinsky — Chicago	"	53,752.00
Max Baer — N.Y.C.	"	240,833.00
Paolino Uzcudun — N.Y.C.	"	39,612.00
Roscoe Toles — Flint	"	1,250.00
Biff Benton — Dayton	"	750.00
Wilie Davis — Peoria	"	750.00
Gene Stanton — Kalamazoo	"	750.00
Total	$	429,655.00

1936

Charley Retzlaff — Chicago	$	23 065.00
Max Schmeling — N.Y.C.	"	140,959.00
Jack Sharkey — N.Y.C.	"	36,506.00
Al Ettore — Philadelfia	"	52,897.00
Jorge Brescia — N.YC.	$	8,411.00
Eddie Simms — Cleveland	"	20,000.00
Total	$	281,838.00

1937

Stanley Ketchell — Buffalo	$	3.100.00
Bob Pastor — N.Y.C.	"	36,000.00
Natie Brown — Kansas City	"	11,000.00
James J. Braddock — Chicago	"	103,684.00
Tommy Farr — N.Y.C.	"	102,578.00
Total	$	256,362.00

1938

Nathan Mann — N.Y.C.	$	40,522.00
Harry Thomas — Chicago	"	16,659.00
Max Schmeling — N.Y.C.	"	349,228.00
Total	$	406.400.00

1939

John Henry Louis — N.Y.C.	$	34,413.00
Jack Roper — Los Angeles	"	34,850.00
Tony Galento — N.Y.C.	"	114,332 17
Bob Pastor — Detroit	"	118.400.00
Total	$	301,995.17

1940

Arturo Godoy — N.Y.C.	$	23,620.21
Johnny Paycheck — N.Y. C.	"	19,908.00
Arturo Godoy — N.Y.C.	"	55,989.04
Al McCoy — Boston	"	17,938.00
Total	$	117,455.25

1941

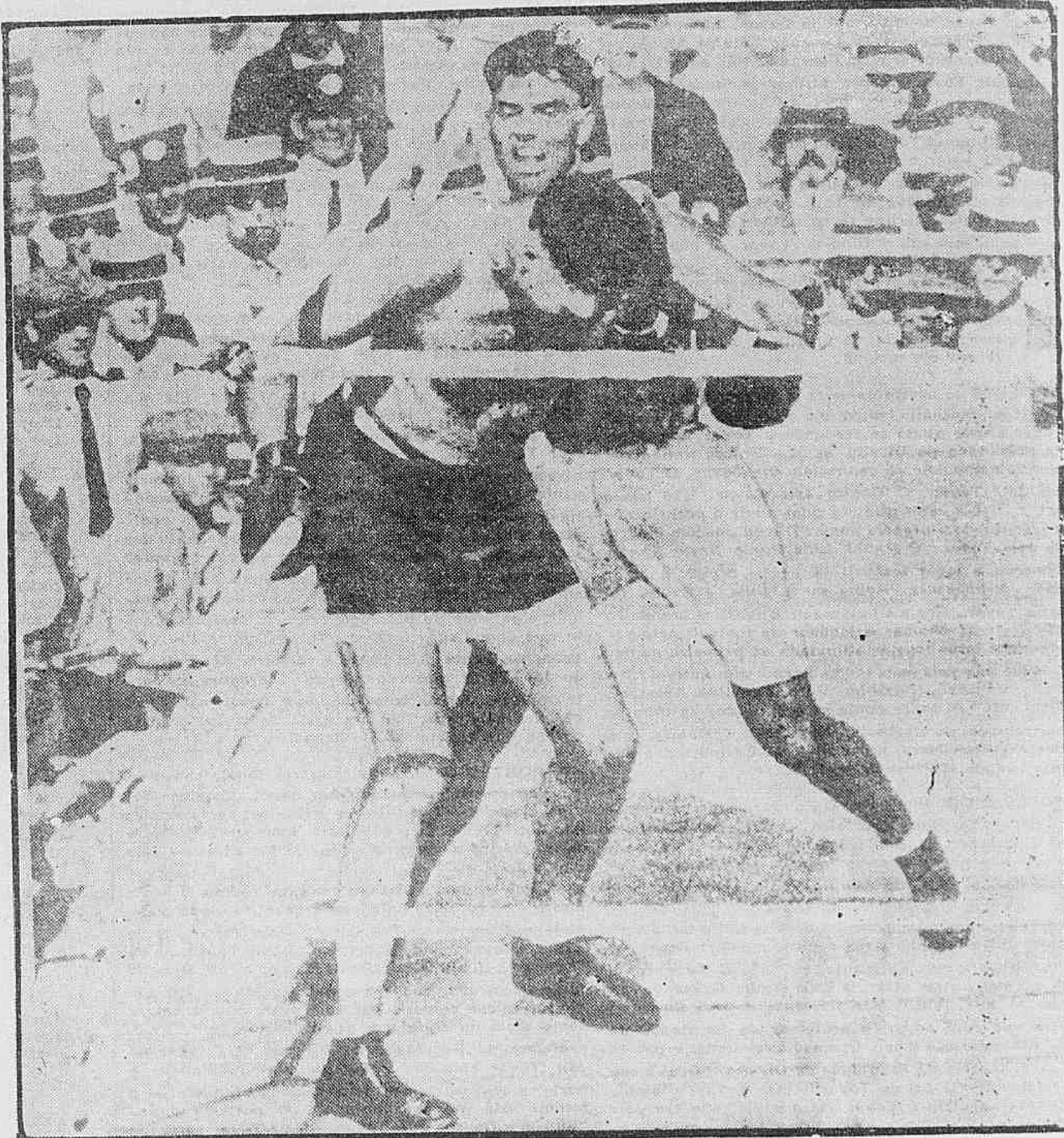
Red Burman — N.Y.C.	$	21,023.16
Gus Dorazio — Phila.	"	18,730.70
Abe Simon — Detroit	"	19,400.00
Tony Musto — St. Louis	"	17,468.00
Buddy Baer — Washington D. C.	"	36,866.00
Billy Conn — N.Y.C.	"	153,905.00
Jim Robinson — Minn. Exh	"	5,000.00
Lou Nova — N.Y.C.	"	199,500.00
Total	$	471,892.86

(CONCLUI NA PÁGINA 14)

JOE LOUIS FOI O MAIOR?

Por GENE TUNNEY

Dois campeões se destacam sobre os demais na historia do box: Dempsey e Louis. Num relato minucioso das principais lutas através dos anos, um grande estilista, um dos poucos que abandonaram, sem derrota, o trono dos peso-pesados, oferece a opinião de um entendido sobre as qualidades dos dois homens que, no apogeu, foram indubitavelmente campeões dos campeões.



Numa das lutas mais emocionantes que já se realizaram, Dempsey atira Willard sobre as cordas em Toledo

Se você quiser interromper uma partida de sinuca em Jacobs Beach, a perigosa zona do mercado de músculos, nas vizinhanças do Madison Equare Garden, em Nova York, faça esta pergunta: "Quem foi o maior peso-pesado de todos os tempos?". Todos largarão imediatamente os tacos e começarão a gritar:

— Na minha opinião foi Dempsey — grita alguem.

— Puro engano! — declara outro. — O maior foi o velho John L.

Outros desandam a falar e ouve-se "Jeffries... Jack Johnson... Baer... Louis".

— Ora, Baer era um palhaço — exclama um veterano. — Corbert não teve igual.

Sharkey e Schmeling, sem falar no autor destas linhas, tambem têm os seus fans. Por esta razão, antes que você dê pela coisa, a discussão degenera em briga. Se alguem chama os guardas, o mais provavel é que eles tambem entrem a lutar quando souberem o que motivou a briga.

Esta é o tipo da discussão que termina sem vencedor. E' como discutir sobre religião, politica ou sobre qual foi o maior time de beisebol de todos os tempos cada um pensa de uma maneira. Até certo ponto, é quase a mesma coisa que perguntar quem foi o maior dramaturgo. Eu, por exemplo, acho que foi Shakespeare, mas há muito gente que prefere Shaw, O'Neil, Barrie ou Wilde.

A análise dos pugilistas envolve tantos fatores intangiveis que uma decisão final não teria aceitação universal, nem mesmo entre os entendidos. Mas eu, mais do que ninguem, pois fui campeão mundial, talvez esteja capacitado a dar o meu palpite.

Dois são os pugilistas que, na minha opinião, podem disputar o título de maior peso-pesado de todos os tempos: Jack Dempsey e Joe Louis. Esses dois atletas são, não há dúvida, os pontos máximos do box moderno. Dempsey iniciou o periodo mais emocionante do pugilismo, em 4 de julho de 1919, quando arrebatou o título de Jess Willard. E Louis parece ter descido o pano sob a era de ouro de um esporte que hoje está em decadencia.

Acredito que a maioria dos entusiastas do box, bem como as autoridades, cinjam a sua escolha a esses dois magnificos esportistas. Mas para provar o meu ponto de vista, torna-se necessario um exame rápido do box nos Estados Unidos.

Embora o box já fosse conhecido como esporte desde 1816, a historia dos peso-pesados só começa oficialmente em 9 de setembro de 1841, quando se realizou a primeira luta em disputa do título de campeão americano. Esta peleja, travada entre Tom Hyer e Country McClosky, teve 101 "rounds" e durou duas horas e cincoenta e cinco minutos. Torna-se curioso observar que os contendores lutaram sem luvas!

Creio que podemos eliminar todos os boxeurs que apareceram desde esta maratona sanguinaria até John L. Sullivan, visto que eles lutavam segundo as regras antigas (London Prize King Rules). John L. tornou-se campeão e ídolo do povo norte-americano por ter derrotado todos os demais pretendentes ao título. A última luta de box sem luvas foi a que se travou entre John L. e Jake Kilrain, em Richburg, Misaissipi, no dia 8 de julho de 1899. Ela assinalou o fim da idade media do box.

Com isto, restam-nos seis décadas de box sob as regras do marquês de Queensbury e deste periodo vamos procurar um homem que tenha sido maior do que Joe Louis. Ou, em outras palavras, um homem que, no apogeu, fosse capaz de derrotar Joe Louis no apogeu.

Embora arriscando-me a ter de enfrentar a ira dos seus adeptos, vejo-me obrigado a eliminar tambem os favoritos que brilharam em principios do século e antes da primeira Grande Guerra — John L. Sullivan, Jim Corbett, Jim Jeffries e Tommy Burns. E afastando igualmente "Black Jack" Johnson, provavelmente conquistarei o desprezo eterno de uma pequena mas coesa facção que ainda insiste que Johnson era o homem que podia nivelar-se com Joe Louis.

Mas acontece que em três dos seus "matches" mais importantes, não revelou Johnson as qualidades de um verdadeiro campeão. Quando conquistou a primeira etapa do titulo, numa luta realizada na Australia com Tommy Burns, pretendente ao título, a peleja prolongou-se por 14 rounds e foi interrompida pela policia "para salvar Burns de um castigo severo". Burns era um atleta franzino e Johnson, considerado um mestre de box, não conseguiu derrubá-lo uma única vez. Muitos acharam que Burns estava melhorando à medida que a luta prosseguia e que não devia ter sido interrompida, e muito menos pela razão apontada.

A luta de Johnson com Stanley Ketchel, um peso leve que ele só conseguiu derrotar após 12 rounds, foi outro exemplo frisante da sua falta de capacidade. E certamente a sua atuação contra Jim Jeffries, quando levantou finalmente o título de campeão mundial, em 4 de julho de 1910, não foi a de um autêntico campeão. A sua desculpa de que só prolongou a luta para ajudar os cinegrafistas evidentemente não procede.

E não posso imaginar o Jim Jeffries daquela ocasião resistindo a mais de 3 "rounds" com Joe Louis. Na verdade, o atual regulamento não permitiria que tal luta se realizasse. Nenhuma comissão de box permitiria que um campeão voltasse a defender seu titulo após uma ausencia dos rings de seis anos, a não ser que, em matches preparatorios, ele evidenciasse estar em condições de justificar uma luta pelo campeonato mundial.

Outra coisa que não posso imaginar é Jim Jeffries, mesmo no seu periodo aureo, terminando uma luta de 15 rounds com Louis ou Dempsey. Ele se deixava atingir com bastante facilidade e os adversarios que Dempsey ou Louis podiam atingir não duravam muito. Os proprios admiradores de Jeffries acham que ele teve uma carreira relativamente curta antes de arrebatar o campeonato de Fitzsimmons em 9 de junho de 1899, em Coney Island. E embora Fitzsimmons fosse um homem relativamente velho, esmurrou Jeffries a vontade até que suas mãos se rebentaram e teve de ceder.

Vocês não precisam acreditar na minha palavra por esta eliminação aparentemente arbitraria de esmurradores cujo cartaz chegou até os nossos dias. A televisão resolveu definitivamente o problema.

Recentemente o pessoal da televisão desenterrou filmes bem antigos de todas as grandes lutas desde que Jeffries surpreendeu o mundo abatendo Bob Fitzsimmons no 11.º round, em Coney Island, no dia 9 de junho de 1899.

Tais filmes, longe de provocarem emoções, proporcionaram ao público bons momentos de distração. Todos acharam graça nas poses algo ridiculas com que os pugilistas se empenhavam naquele tempo. O proprio Jack Johnson está longe de causar boa impressão em seus melhores embates quando o comparamos com a técnica admiravel e o habilidoso jogo de pernas de Dempsey, Louis e outros. Mas a despeito de sua técnica rudimentar, esses homens anteriores a Dempsey eram todos adversarios duros. Acho mesmo que, em certas circunstancias, muitos deles poderiam derrotar Joe Louis se o "Demolidor" existisse naquela época. Jim Corbett, que encheu de tristeza os americanos arrancando a coroa de John L. Sullivan, era, por exemplo, inteligente, tinha bom jogo de pernas e raciocinio rápido sendo, por conseguinte, um adversario de valor. Ele introduziu no box o que se poderia chamar de classe. Acredito sinceramente que ele poderia ter derrotado Joe Louis num match em 15 rounds se tivesse podido defrontar-se quando ambos estavam em pleno apogeu.

Mesmo esse peso-pesado careca e sardento, "Ruby Robert Fitzsimmons", poderia vencer Joe Louis. Pesava apenas 165 libras quando derrubou Jim Corbett do trono, tornando-se campeão. Fritz aplicava golpes terriveis para um homem da sua altura — era um verdadeiro poste — e é bastante provavel que pudesse abater Joe Louis. Isto, porem, so poderia acontecer num dos primeiros rounds, já que se deixava atingir com facilidade e provavelmente não resistiria a um ataque cerrado de Louis alem do quarto ou quinto round.

A primira vista parece que já respondi a pergunta que me propus. Mas na realidade, não a respondi visto que até Jack Johnson joguei apenas com suposições e teorias. Esta discussão, para ter sentido, tem de ser reduzida à segunda metade dos 60 anos de

(CONTINUA NA PAGINA SEGUINTE)

O CONFRONTO COM DEMPSEY

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA ANTERIOR)

box com luvas — o período que data daquele memoravel 4 de julho de 1919, em Toledo, Ohio, quando Jack Dempsey e Jess Willard travaram uma das maiores lutas de todos os tempos.

O gigantesco Willard era mais alto do que Dempsey quase meio metro e o superava, em peso, pela inacreditavel margem de 58 libras. O único peso-pesado campeão, antes ou depois de Willard, que superou as suas 245 libras foi Primo Carnera. E apenas em uma luta em disputa do titulo, desde o match Dempsey-Willard, foi maior a disparidade de peso entre campeão e challenger. Foi quando Primo Carnera, com as suas 270 libras, martelou Tommy Loughran, de 186 libras, durante 15 rounds em Miami Beach no dia 1 de março de 1934.

Mas em Toledo deu-se o contrario e David massacrou Golias. No primeiro round, por sete vezes Willard foi à lona, sendo que da última vez ficou sentado de olhos vidrados, boca aberta, olhando para o espaço. Um dos devastadores golpes de Dempsey lhe rebentara varios dentes nas gengivas. Julgando que houvesse vencido, como aliás toda a assistencia, porque ninguem ouvira o gongo, Dempsey saltou do ring e tomou o rumo do seu camarim, quando o cronometrista Warren Barbur o chamou de volta.

Um juiz de hoje não teria permitido que a luta prosseguisse e daria a vitoria a Dempsey por K. O. tecnico. Mas o juiz Ollie Piccord estava disposto a deixar que o brutal match continuasse até um desfecho definitivo.

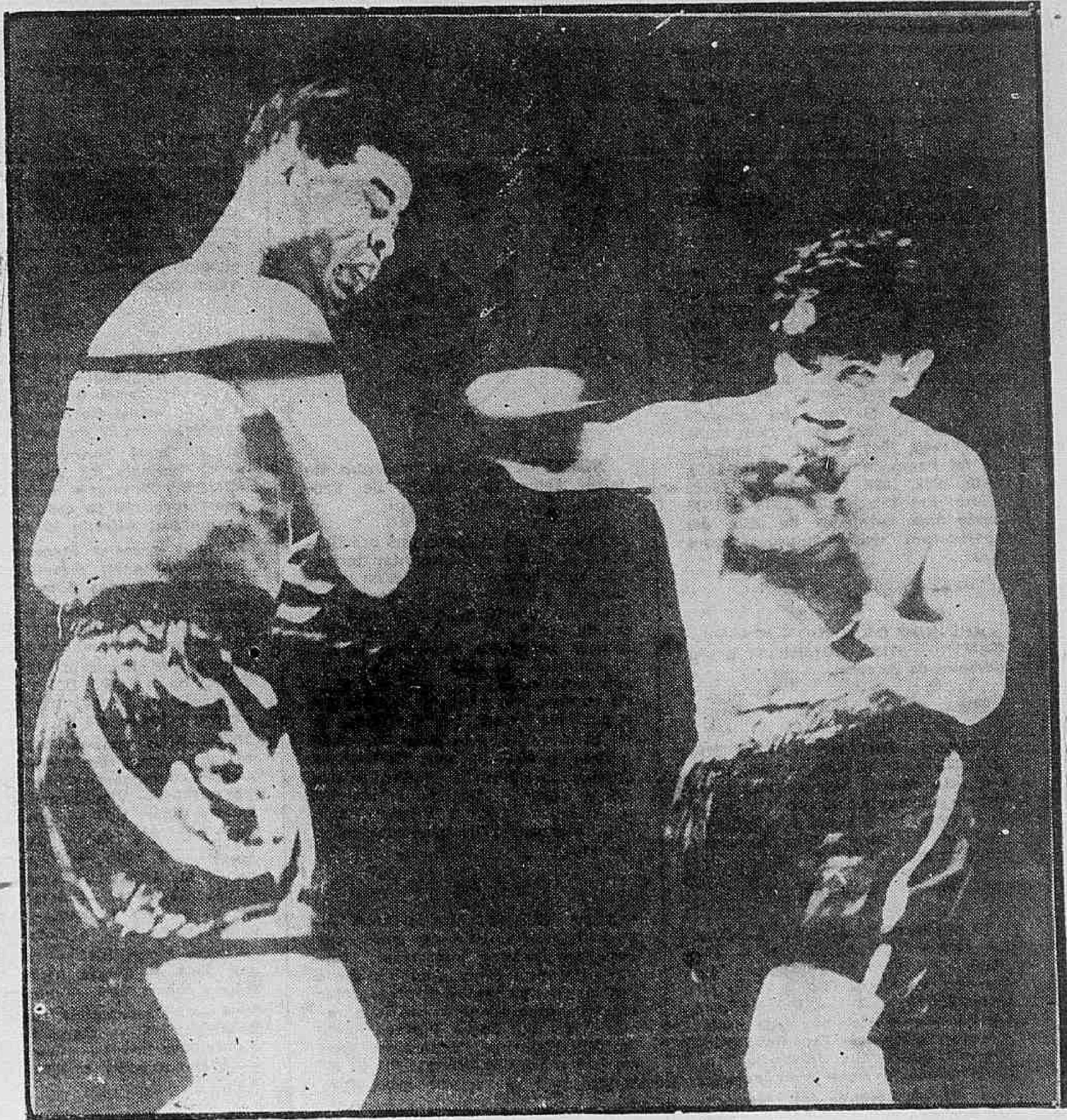
Dempsey fez tudo para acabar a luta no segundo "round" e quase foi vencido pelo cansaço. Mas o corpulento Willard soube suportar o castigo. Quando voltou para o terceiro round tinha os olhos quase fechados e empapados de sangue. Estava com a boca toda rebentada, como se tivesse sido atingida por uma garrafa quebrada e suas pernas maciças pareciam mais de papelão.

Não obstante, surpreendendo a todos, desfechou cerrado ataque de esquerda na boca de Dempsey. Todos ficaram na expectativa, julgando que a maré houvesse virado. Tudo parecia indicar que Dempsey se cansara e não podia mais desferir o golpe de knockout. Mas quando o gongo soou, anunciando o fim do terceiro round, Willard caiu no banco e sua cabeça pendeu para a frente como se o pescoço estivesse quebrado. O proprio Willard compreendeu que estava liquidado e pediu ao juiz que terminasse a luta. E foi com tristeza que Ike O'Neil o principal segundo de Willard, atirou a toalha no ring.

Demorei-me no exame desta luta apenas para destacar a enorme diferença, no adversario e no combate, entre a luta que Jack Dempsey teve de sustentar para conquistar o título de campeão mundial e a que Joe Louis travou contra Jim Braddock, em 22 de junho de 1937, quando se tornou campeão.

Quanto aos demais campeões, no periodo compreendido entre Dempsey e Louis, vou analisá-los rapidamente. Jack Sharkey era um homem de consideravel vigor, mas por ser de natureza emocional as crises que o afligiam dentro do ring lhe perturbavam o raciocinio. O bom pugilista tem de possuir um raciocinio rápido. Tendo de enfrentar o perigo a todo momento, precisa estar habilitado a tomar decisões rápidas, decisões essas que podem ser a diferença entre a derrota e a vitoria. Nesse particular, Sharkey levava evidente desvantagem.

Max Schmeling fez o que nenhum outro pugilista conseguiu — levou a knockout o aparentemente inexpugnavel Joe Louis. Tinha um esplêndido soco de direita, c•a eficiencia provou na primeira luta com Joe Louis. Mas tinha um defeito grave: não sabia perceber quando era chegado o dramático momento de vencer, como ficou demonstrado nos seus encontros com Max Baer e Jack Sharkey.



Joe Louis evita uma traiçoeira esquerda de Braddock. Conquistou o titulo de campeão por knockout no oitavo round

Já liquidara Baer entre o quinto e oitavo rounds do seu duelo e o estava perseguindo pelo ring. Mas no décimo round foi surpreendido com uma direita fulminante, e perdeu. No combate com Sharkey permitiu que ele se espalhasse pelo ring durante 15 rounds, dando-lhe o titulo de campeão.

Na sua segunda luta com Joe Louis, Max não teve oportunidade de usar seus conhecimentos porque nesse dia estava enfrentando dois adversarios — o "Demolidor" e o odio. Por ter feito referencias menos lisonjeiras a Louis e ter-se vangloriado de pertencer a uma super-raça, Schmeling incitara Louis ao massacre. No primeiro round desta luta, que se realizou no Yankee Stadium, no dia 22 de junho de 1938, Louis começou com dois terriveis jabs de esquerda no peito de Schmelling, o que obrigou o alemão a abaixar a sua guarda, seguiu-se, então, devastadora esquerda no nariz. Em seguida, Louis aplicou-lhe terrivel direita no queixo, colocando neste murro tudo que possuia, inclusive a alma.

Schmelling caiu sobre as cordas e seus joelhos se dobraram. Ficara com as costas semi-voltadas para Louis e este, rapidamente, aplicou-lhe golpes severos na cabeça, seguidos de duas poderosas direitas no corpo e no queixo. Max foi à lona, após uns instantes levantou-se e, jogando o braço direito por cima das cordas, deixou o ombro esquerdo e parte das costas abertos para um violentíssimo direto nas costelas, que o mandou novamente à lona com um grito de dor.

Um dos homens de Schmelling atirou uma toalha no ring, mas o juiz jogou-a para fora e continuou a contar. Schmeling não mais se levantou e, desta forma, foi destruido o mito do super-homem.

O jovial Max Baer teve uma esplêndida oportunidade de tornar-se um lutador de primeira e não a aproveitou. Atingiu o apogeu quando arrebatou o titulo de campeão de Carnera, o que não foi grande coisa. Mas após ter atingido o apogeu, Baer começou a cair e um ano depois perdia o titulo para Jim Braddock, o "Cinderella Man". Baer foi vitima dos seus desejos de adolescente — vida noturna intensa, palhaçadas e pouco amor aos treinos.

Quanto a Braddock, a sua inclusão entre os campeões foi pura sorte e prova apenas que Max Baer estava em decadencia. Braddock já tinha encerrado a sua carreira e era um homem velho quando deixou o emprego para enfrentar Max Baer. Não creio que nem o promotor da luta e nem o proprio Braddock achassem que ele pudesse derrotar Max Baer. Mas derrotou e usou a coroa de campeão durante dois anos, sem defendê-la, até que Joe Louis tirou-a de sua cabeça de uma vez por todas.

Braddock teve um breve momento de alegria quando pegou Joe Louis distraido e o derrubou no primeiro round. Mas Louis cansou o seu adversario até o oitavo round, quando, com uma potente direita no queixo fulminou o adversario.

Quanto a Carnera, o homem mais corpulento que já lutou box desde que foram adotadas as regras modernas, ganhou inúmeras lutas, mais pela mediocridade de seus adversarios do que propriemente por suas qualidades.

Quando se olha para trás nesses últimos trinta anos, chega-se à conclusão de que um peso-pesado só está na sua melhor forma quando o seu peso oscila entre 185 e 195 libras. Uma vez transposta a casa dos 200, o peso, na maioria dos casos, o atrapalha. Na casa dos 185-195 libras um boxeur pode esmurrar com força suficiente para derrubar qualquer homem, conforme Joe Louis provou quando derrubou Carnera, 65 libras mais pesado do que ele.

Afora esses, quais os pugilistas que restam entre Dempsey e Joe Louis? Um punhado deles, todos de curtos periodos de gloria — como Lou Nova, Tony Galento, Arturo Godoy, Tommy Farr, Johnny Parr, Johnny Paicheck e Jersei Joe Walcott. O que se pode dizer de Walcott é que ele, efetivamente ganhou o primeiro embate com Louis, conforme o proprio Louis confessa em sua auto-biografia. Mas caso ele tivesse sido declarado vencedor, não há dúvida de que teria sido uma das mais tristes figuras a usar o cetro de campeão. Louis corrigiu o seu aparente fracasso contra Walcott derrotando-o de maneira decisiva num segundo embate. A desculpa de Louis foi a de que passara muitos anos no serviço, estando fora de forma. Desculpa aceitavel, sem dúvida, já que a falta de competição é fatal para um boxeur.

Chegamos, agora, a Dempsey e Louis. Por varias razões, Joe Louis foi o maior campeão que já pisou umring. O box ainda não conheceu outro "martelador" que o superasse não há noticia de outro campeão que possuisse tão grandes poderes de recuperação.

No apogeu, Louis foi simplesmente notavel. Temos, a seu crédito, um fato bastante importante, embora muitas vezes estivesse à beira da derrota, só foi derrotado uma vez. Tambem a seu favor, temos a alegação sempre citada de que Louis defendu o titulo 25 vezes durante 10 anos — mais vezes e por um período mais longo do que qualquer outro boxeur. Isto é verdade, ninguem discute, mas as suas lutas, após ter derrotado Bradoock e, consequentemente, conquistado o titulo, foram quase todas com pugilistas de segunda, terceira e até mesmo quarta categoria.

(CONCLUI NA PÁGINA 14)

BILHETES DO LEITOR

CARLOS ARÊAS

ÁGNALDO MACEDO SOBRINHO — PARACATU — MINAS — 1) — Tim esteve algum tempo como técnico e jogador do Botafogo de Ribeirão Preto, mas ulximamente andou participando de amistosos aqui no Rio pelo Olimpico Clube. 2) — Sobre números atrasados, queira se dirigir diretamente à gerencia desta revista. 3) — Na fila a sua caricatura do zagueiro Murilo, mas rejeitadas a do ponteiro Rodrigues

—o—

WALDIR SINDORF RODRIGUES — RIO DE JANEIRO -- 1) — O Teixeirinha do São Paulo chama-se Elisio dos Santos Teixeira e o Teixeirinha catarinense que jogou pelo Botafogo chama-se Nildo Teixeira de Melo. 2) — O Fluminense foi campeão da cidade nos anos de 1906, 1908, 1911, 1917, 1918, 1924, 1936, 1937, 1938, 1940, 1941 e 1946. O Flamengo foi campeão nos anos de 1914, 1915, 1920, 1921, 1925, 1927, 1942, 1943 e 1944. O Vasco foi campeão nos anos de 1923, 1924, 1929, 1934, 1936, 1945, 1947, e 1949. O Botafogo foi campeão nos anos de 1910, 1930, 1932, 1933, 1934, 1935 e 1948 (Nota: Em 1924, 1934, 1935 e 1936 havia duas entidades no Rio, daí apareceram dois campeões nessas anos).

—o—

ARLINDO OQUINDO — CAVALCANTI — RIO — Rejeitado o seu desenho de Ademir.

—o—

JESSE G. BRITTO — BELO HORIZONTE — MINAS — Rejeitado o seu desenho de Mario Viana (carregado em excesso no preto), ficando, porem, o de Lima (do Palmeiras) na fila para publicação oportunamente

—o—

HUMBERTO ZAGHETO — JUIZ DE FORA — MINAS — 1) — Pinheiro, do Fluminense, nasceu em Campos (Estado do Rio) a 13 de janeiro de 1932. 2) — Peracio está em São Paulo mas não joga mais. Adauto voltou ao Espirito Santo. Esteves depois que deixou o Madureira não tivemos mais noticias dele. 3) — Lorenzo foi realmente um grande zagueiro. Mas quando veio para o Fluminense estava já bombardeado do joelho, daí porque não chegou a brilhar no tricolor, que acabou tendo que rescindir o seu contrato. 4) — O apelido de Sorriso, center-forward do Olaria, nasceu do fato de estar ele sempre sorrindo, naturalmente, expontaneamente. 5) — A idade dos juvenis no Rio é de 16 a 19 anos.

—o—

IVALD FERRAZ — RECIFE — PERNAMBUCO — 1) — Domingos da Guia jogou pelo Bangú, Vasco, Nacional, de Montevidéu, Boca Juniors, de Buenos Aires, Flamengo, Corintians Paulista e novamente Bangú. 2) — Leonidas jogou pelo São Cristovão (juvenil), Sirio Libanês, Bonsucesso, Penarol, Vasco, Botafogo, Flamengo e São Paulo F. C., onde ainda está em atividade. 3) — Zizinho joga no Flamengo desde 1939. 4) — O campeão carioca de 1935 na Liga Carioca de Football foi o América e na Federação Metropolitana de Desportos foi o Botafogo. 5) — A seleção brasileira que enfrentou os poloneses na Copa do Mundo de 1938 foi esta: Batatais — Domingos e Machado — Procopio — Martim e Arfonsinho — Lopes — Romeu — Leonidas — Peracio e Hercules. O primeiro tempo terminou com o pla-



NORIVAL — num desenho do leitor Nelson M. Viera, de Erechim, Rio Grande do Sul.

card de 3 a 1 a favor dos brasileiros. O tempo regulamentar terminou empatado em 4 a 4. E na prorrogação então o Brasil venceu por 2 a 1, o que formou o placard total de 6 a 5. 6) — O artilheiro da seleção brasileira nesse campeonato mundial de 1938, foi Leonidas, com sete goals. 7) — O artilheiro do campeonato paulista de 1949 foi o ponteiro Friaça, do São Paulo F. C. 8) — O team do Vasco campeão invicto de 1947 foi este: Barbosa — Augusto e Rafanelli — Ely — Danilo e Jorge — Djalma — Maneca — Friaça — Lelé e Chico. (Tambem jogaram Wilson — Ismael e Dimas).

—o—

JOSÉ SOARES DA SILVA — RIO DE JANEIRO — O que o senhor nos pede é impossivel. Talvez nem mesmo no proprio clube o senhor consiga tantos detalhes. Mas em todo caso aconselhamo-lo a recorrer ao Sr. Edgar Freitas, chefe do Departamento Técnico do Vasco, à avenida Rio Branco, 181 — 9.º andar, para ver se consegue alguma coisa.

—o—

GETER COELHO — RIO DE JANEIRO — 1) — A primeira camisa de football do Flamengo foi de quadrados pretos e vermelho. Depois surgiram as listadas em sentido horizontal, preto, branco e vermelho. Mais tarde foi tirada a lista branca, ficando só as listas preta e vermelha, camisa essa que ainda é o primeiro uniforme do clube. Há agora um segundo uniforme que é o da camisa branca com faixa preta e vermelha na altura do peito. 2) — O clube que tem mais títulos de campeão nos aspirantes é o Vasco da Gama, que é hexa-campeão. 3) — Na fila para publicação oportuna o seu desenho de Gringo.

—o—

AMADEU DA SILVA — BOTAFOGO — RIO — 1) — Oswaldo, o zagueiro que foi do São Cristovão, do Flamengo, do Vasco e do Palmeiras, não está jogando atualmente em clube de primeira. 2) — Não senhor. O campeonato carioca começará logo na primeira quinzena de agosto de 1950. Menos de um mês depois de encerrado o campeonato do mundo. 3) — Gamba veio para o América com passe livre. 4) — Oswaldinho, veio do Del Castilho, para o América. Amaral veio do Ipiranga de Niterói. Lopes, veio do team de amadores do Madureira. Léo, do Ipiranga da Baía. Rubens, veio do interior de São Paulo e Natalino do interior de Minas.

—o—

BRAULINO DE ANDRADE — E. A. NILO PEÇANHA — PINHEIRAL — E. DO RIO — Para a assinatura queira se dirigir diretamente à gerencia desta revista. O preço anual é realmente de Cr$ 40,00 enviados adiantadamente por cheque, vale postal ou registado com valor declarado.

—o—

HAMILTON MOREIRA DE BARROS — NITERÓI — E. DO RIO — 1) — As idades dos cracks vascainos são estas: Barbosa 29 anos (a completar em 27 de março); Augusto 29 anos completos; Wilson 22 anos; Sampaio 27 anos; Laerte 25 anos; Ely 28 anos e meio; Danilo 29 anos; Jorge 26 (a completar em 22 de março); Alfredo 30 anos; Nestor 23 anos e meio; Maneca 25 anos; Heleno 30 anos; Ademir 28 anos; Ipojucan 23 anos e meio Lima 27 anos; Chico 28 anos e Mario 23 anos. 2) — O Vasco tem obtido estas colocações nos campeonatos da cidade que disputou: 1923 — Campeão, na L. M. D. T.; 1924 — Campeão na L. M. D. T.; 1925 — terceiro lugar, na A. M. E. A.; 1926 — Vice-campeão; 1927 — quarto lugar, junto com o América; 1938 — Vice-Campeão; 1930 — Vice-campeão; 1931 — Vice-campeão; 1932 — quinto lugar; 1933 — terceiro lugar na L. C. F.; 1934 — Campeão, na L. C. F.; 1935 — Vice-campeão, na F. M. D.; 1936 — Campeão, na F. M. D.; 1937 — terceiro lugar, na L. F. R. J.; 1938 — terceiro lugar, junto com o Botafogo; 1939 — sexto lugar; 1940 — terceiro lugar; 1941 — quarto lugar; 1942 — sétimo lugar; 1943 — quarto lugar; 1944 — Vice-campeão, junto com o Botafogo; 1945 — Campeão; 1946 — quinto lugar; 1947 — Campeão; 1948 — Vice-campeão; e 1949 — Campeão.

—o—

SIRIO CAMPOS — NOVA IGUAÇU — E. DO RIO — Na fila para publicação oportuna o seu desenho do zagueiro Augusto.



CLAUDIO — o ponteiro corintiano, num desenho do leitor Helio Denivar, de Porto Alegre, R. G. do Sul.

JOSÉ DE ALMEIDA SANTOS — RIO NOVO — MINAS — 1) — Braguinha tem 22 anos e meio, Ivan 30 (a completar 31 em 8 de abril) e Cesar 31 e meio. 2) — Franquito está jogando em Montevidéu, e Papeti está no Rio, jogando apenas pelos Veteranos de vez em quando. 3) — O endereço da PRA-9, é rua Mayrink Veiga, 13 — Rio. 4) — O crack do campeonato de 1949 foi o meia Maneca, do Vasco.

—o—

KLERB LEITE DO PRADO — CACHOEIRA PAULISTA — SÃO PAULO — 1) — Os endereços pedidos são estes: C. R. Flamengo — Praia do Flamengo 66 e 68; C. R. Vasco da Gama — Avenida Rio Branco, 181 — 9.º andar; Botafogo F. R., Avenida Wenceslau Braz, 72; América F. C., rua Campos Salles, 118; São Cristovão F. R., rua Figueira de Mello, 200; Bangu A. C. — Avenida Cônego Vasconcelos, 549; S. C. Corintians Paulista, Av. Rangel Pestana, 2251, Parque São Jorge; A. Portuguesa de Desportos, Largo de S. Bento, 25 — 1.º andar; C. A. Ipiranga, rua Bom Pastor, 2998; e Santos F. C., rua Itororó, 21. 2) — Rejeitadas as caricaturas de Jair e Djalma.

—o—

FRANCISCO SÁ — OLARIA — RIO DE JANEIRO — 1) — Ademir ingressou no Vasco em 1942, vindo do Esporte Clube Recife, cuja linha era formada por Djalma (que tambem ingressou no Vasco) — Ademir — Pirombá (que ficou no Flamengo e depois no Fluminense e no Santos) — Magri (que ingressou no América, do Rio) e Walfredo (que ficou no São Cristovão). 2) — Alem desses vieram do football pernambucano para o Rio nestes últimos anos: Vicente, para o América; China, para o América e depois Fluminense; Orlando, para o Fluminense; Jorge, para o Vasco; Amaro, para o América e atualmente no Olaria, Alcidesio, para o América; Limoeiro, para o Botafogo; e outros que nos escapam no momento.

—o—

SILVERIO BRANDÃO DA ROCHA — BELO HORIZONTE — MINAS — Os detalhes gerais da temporada do Flamengo na Guatemala em outubro de 1949 foram estes: primeiro jogo — Flamengo 5 x Seleção Olímpica 3. Goals de Esquerdinha (2), Moacir, Jorge de Castro e Helio. Team flamengo: Garcia (depois Antoninho) — Juvenal e Newton — Biguá — Bria (Beto) e Jaime — Jorge de Castro (Bodinho) — Zizinho (Arlindo) — Arlindo (Gringo) — Moacir e Esquerdinha (Helio). Segundo jogo: Flamengo 2 x Seleção da Federação de Football da Guatemala 0. Goals de Zizinho e Esquerdinha. Team flamengo: Garcia — Juvenal e Newton — Walter (Biguá) — Bria e Jaime — Helio (Bodinho) — Zizinho — Gringo — Lero e Esquerdinha. Terceiro jogo: Flamengo 4 x Selecionado Guatemalteco 1. Goals de Lero, Gringo, Esquerdinha e Zizinho. Team: Garcia — Juvenal e Job — Newton (Biguá) — Bria e Jaime — Jorge — Zizinho — Gringo — Lero e Esquerdinha (Helio). Quarto jogo: Flamengo 4 x Seleção 0. Goals de Lero (2), Arlindo e Jaime. Team: Garcia — Juvenal e Newton — Biguá — Beto (Bria) e Jaime — Jorge (Bodinho) — Arlindo (Zizinho) — Helio (Arlindo) — Moacir (Lero) e Esquerdinha. Quinto jogo: Flamnego 4 x Selecionado 2. Goals de Lero (2), Moacir e Esquerdinha.

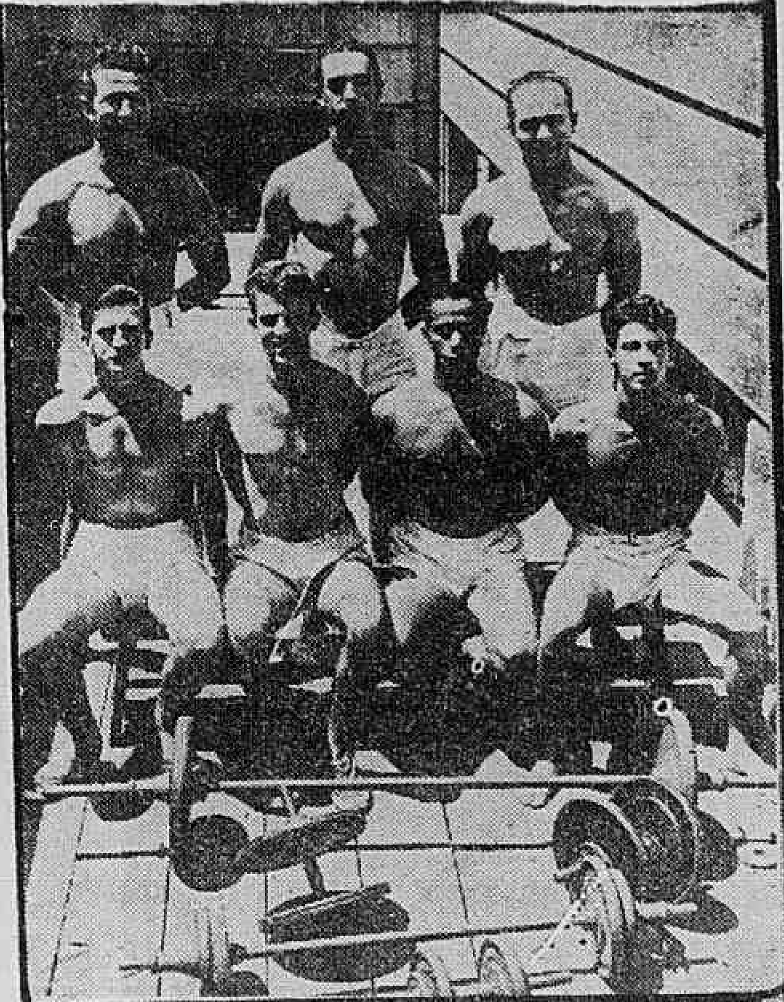
—o—

FERNANDO DE B. CORRÊA — RIO DE JANEIRO — Rejeitados os seus desenhos de Oberdan, Chico e Cesar.

LEVANTAMENTO DE PESO SOB ASSISTÊNCIA TÉCNICA E CONTROLE MÉDICO



Fase de treinamento, sob assistencia técnica



Alunos do curso mantido pelo Departamento de Educação Fisica da A.C.M.

Uma modalidade esportiva que justifica toda sorte de preconceitos é o levantamento de peso. De uma maneira geral, o público o considera pesado demais, excessivo, exi- xindo de quem o pratica um esforço vital, que a capaci- dade de uma pessoa muitas vezes não comporta. O ane- dotario esportivo está cheio de casos impressionantes. São atletas que, levantando peso, acabaram sofrendo do coração, tendo, até sincope cardiaca etc., etc. E' claro que nesses relatos há muito de imaginação, de exagero, de lenda. Não há, porem, exagero que não contenha seu fundo de verdade, de justiça. Levantar peso não é ati- vidade isenta de perigos. Torna-se preciso uma certa cau- tela e, mais do que isso, uma segura e racional orienta- ção. Sem essa cautela, sem essa orientação, há, realmen- te, uma serie de possibilidades perigosas. Ninguem pode, impunemente, gastar suas reservas num dispendio de energia superior à capacidade individual.

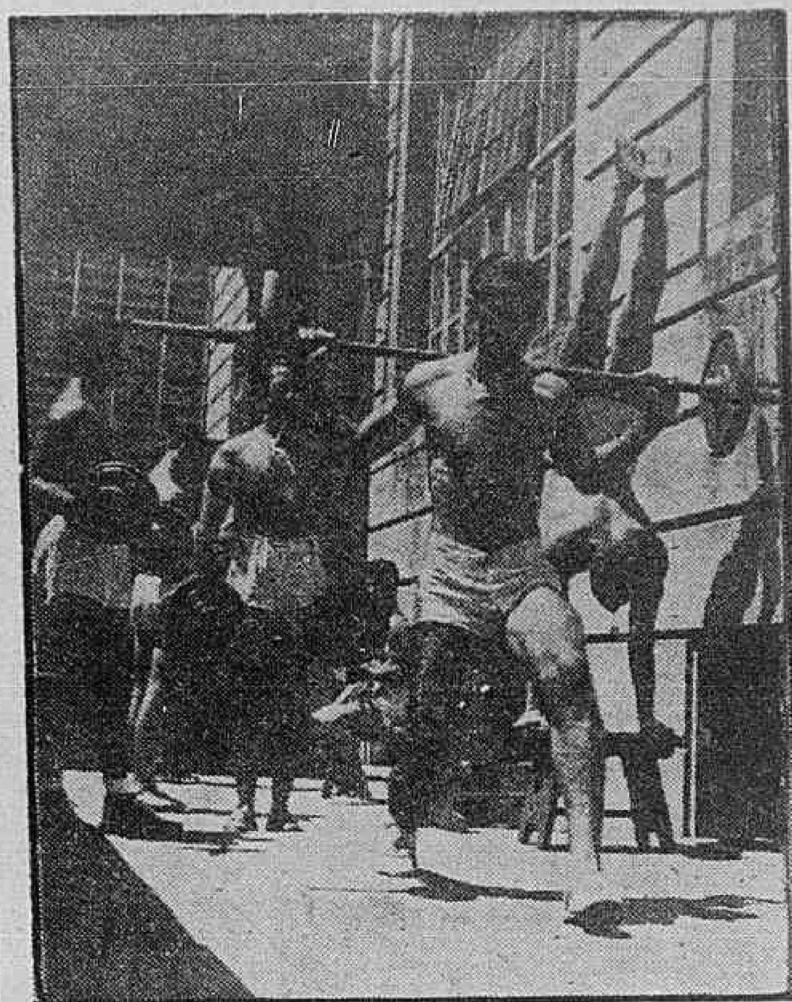
Por isso mesmo, deve-se registar, com o relevo neces- sario, o Curso de Levantamento de Peso que a Associação Cristã de Moços organizou e mantem, com singular efi- cacia. Qual o objetivo essencial dessa iniciativa? Não será dificil demonstrar.

A A.C.M., cujos serviços à juventude se multiplicam, visa, precisamente, criar, em relação ao levantamento de peso, muitos esclarecimentos necessarios. Vamos levantar peso, sim, mas... Mas o que? Entra então, a benemérita entidade, com seus conselhos, seus ensinamentos, suas noções. Quem pratica tal modalidade esportiva exige uma assistencia. Mas assistencia continua, realmente técnica, realmente inteligente. Porque, como se pode supor, a pes- soa entregue a si mesma poderá desmandar-se, incidir em erros, em excessos talvez fatais para a saude e, em certos casos, para a vida.

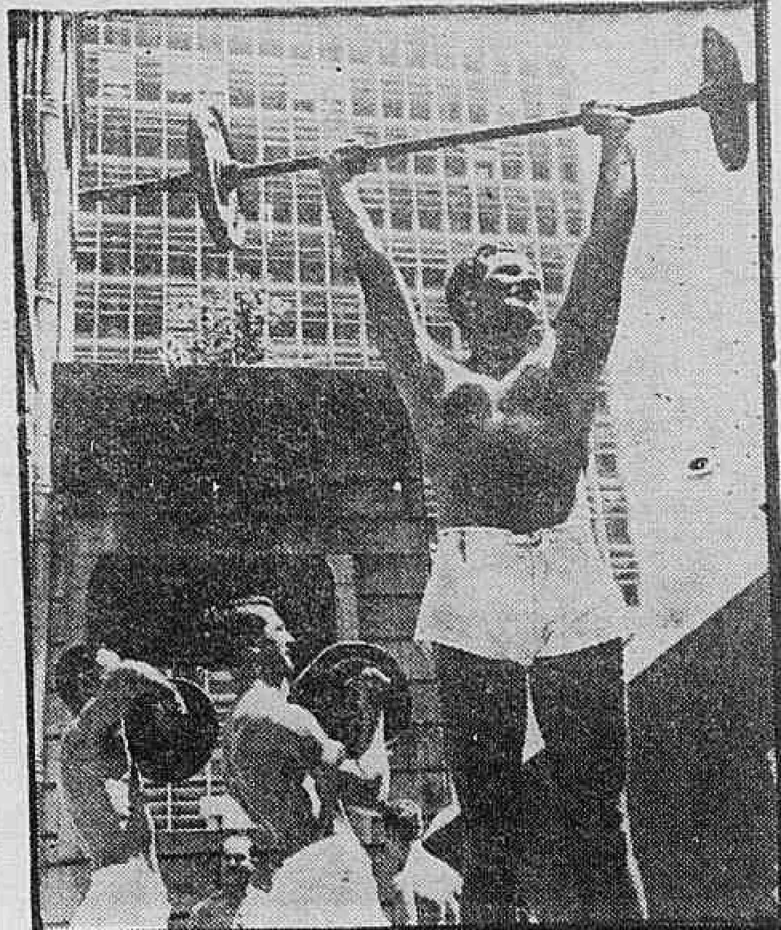
Os esportes pesados não podem ser realizados de qual- quer maneira. O proprio football precisa de um ritmo, de uma disciplina, de uma aplicação racional de energias. Usado sem o necessario método poderá causar danos sen- siveis. Em vez de ser um beneficio para o jogador, de constituir um estímulo vital, poderá arruinar a saude. Que dizer, então, do levantamento de peso?

Sempre atenta aos problemas de interesse coletivo, a A.C.M. criou o curso, de que falamos. E' mais um ser- viço que presta à nossa juventude. Através do curso em apreço, são difundidas noções indispensaveis, ao mesmo tempo que se cria um método, uma mentalidade adequa- da, e se evitam os perigos.

Sendo esta uma iniciativa de interesse geral, explica- se a afluencia de muitos alunos, de curiosos. E' uma ver- dadeira geração de levantadores de peso que se plasma. Cada um deles estará mais apto à prática da modalidade que preferiu e poderá fazê-lo sem riscos, desenvolvendo racionalmente as proprias forças, sem hipertrofiá-las.

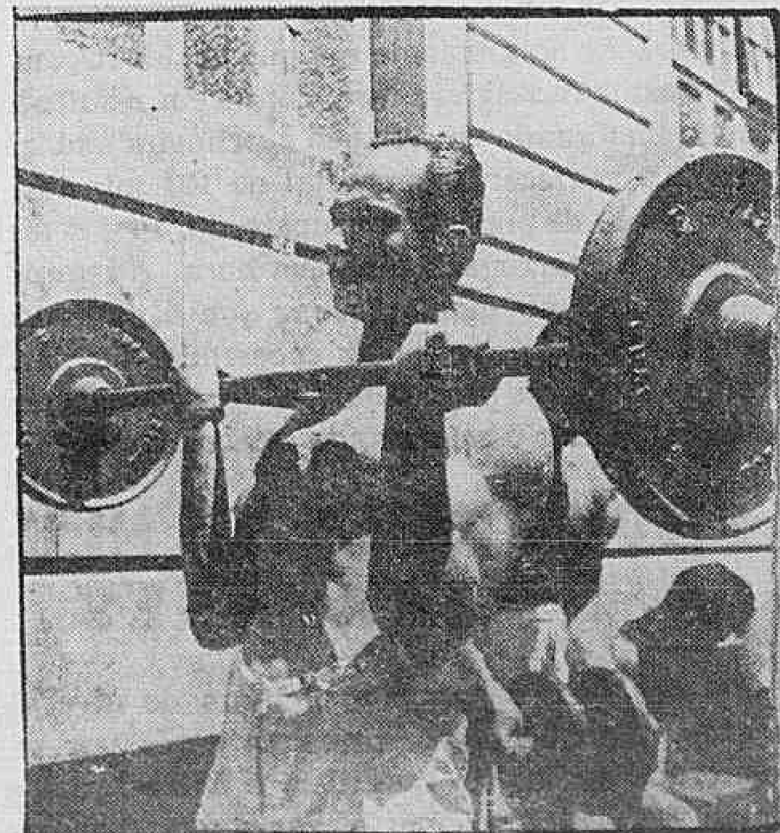


O levantamento é feito sem dispendio excessivo de energia



Aqui não se está tentando bater records. Trata- se de um exercicio rotineiros, que não exige es- forços exagerados

Exercicio pro- prio para desenvol- ver os músculos pei- torais e abdominais



Mais um serviço que a A. C. M. presta à nossa juventude

AGENTES - ACEITAM-SE

Para Casimiras, Linhos, Aviamentos, etc. Mostruário gratuito. Ótima comissão e adiantamentos. Vendas pelo sistema de Reembolso Postal.

Cartas: TECIDOS MEHERO - Rua Pagé, 33, 2.º andar - São Paulo



CLASSIFICADOS MI



Feses do segundo match Minas e Pará, vendo-

A partida número dois entre Minas e Pará, foi uma das grandes sensações da semana. Já as torcidas convocadas por apelos afixados nas paredes da Galeria Cruzeiro, compareceram em massa a General Severiano, dando intensa vibração ao ambiente em que se desenrolou o match.

Os teams contagiaram-se, dando em resultado um foot ball algo melhorado em relação à primeira exibição. A luta foi titânica perfazendo um total de 121 minutos de duração, em razão de persistir o empate durante o tempo regulamentar e a prorrogação de meia hora. A segunda prorrogação termina no momento em que é assinalado o primeiro goal. Foi Lucas o feliz encerrador da partida, conquistando a vitoria para Minas, e, consequentemente, o direito de enfrentar o selecionado carioca nas semi-finais.

O PROGRESSO DE MINEIROS E PARAENSES

Foi das mais sensiveis a melhora do nivel de produção conseguida tanto por mineiros como por paraenses. E' claro que ambos tiveram altos e baixos, mas a capacidade de reação levou a partida às duas prorrogações.

Mormente do lado mineiro, o rendimento técnico foi bastante expressivo, a ponto de o team montanhês fazer esquecer completamente a performance decepcionante de domingo último. O predominio mineiro foi absoluto no primeiro tempo, com vantagem de um goal, vantagem essa que no segundo tempo foi ampliada e poderia mesmo ter ido a três, não fosse a chance do Pará. Aloisio passou por três adversarios, inclusive o arqueiro Dodó, mas a bola, mesmo com o arco desguarnecido, bateu na trave. Logo após, os mineiros já não insistiam na ofensiva, ocasião em que foi conquistado por forma pouco expressiva, o goal número um do Pará. Todavia, os minutos seguiram-se e o final estava por segundos, quando penalty batido por Quiba determinou a prorrogação.

Essa parte extra da partida teve desenrolar verdadeiramente dramático. Os paraenses forçaram sempre o ataque, com espantosa desenvoltura, encontrando sempre a retaguarda mineira segura, principalmente no trio final. Chegamos assim, depois de meia hora, à segunda prorrogação, em que o menor descuido seria fatal. E a chance não esteve do lado dos paraenses, pois que com dois minutos de jogadas eletrizantes, Lucas marcou o goal de um triunfo magnífico, pela dificuldade extrema de sua conquista.

OS GOALS DA PARTIDA

Logo aos 14 minutos, Jaime, ao cabecear uma bola cruzada sobre a area, foi tolhido por Luzitano, que o segurou. O penalty foi batido por Jambo, que atirou fora do arco de Chico. E afinal, o primeiro [...] minutos, um passe de Laz[...] linho. O ponta entra na co[...] tememente de pé direito. Já [...] Murilinho cobra um corne[...] de Lauro, e daí às redes. Ao[...] investida de Silvio, com u[...] arco e China entrou de ca[...] aos 44 1|2 minutos, um to[...] área, determinou o empat[...] sem registo de goals e aos[...] gação, Lazaroth passa a A[...] recendo-lhe pela frente [...] Mas o crack suspendeu o[...] para, completamente des[...] dindo a partida.

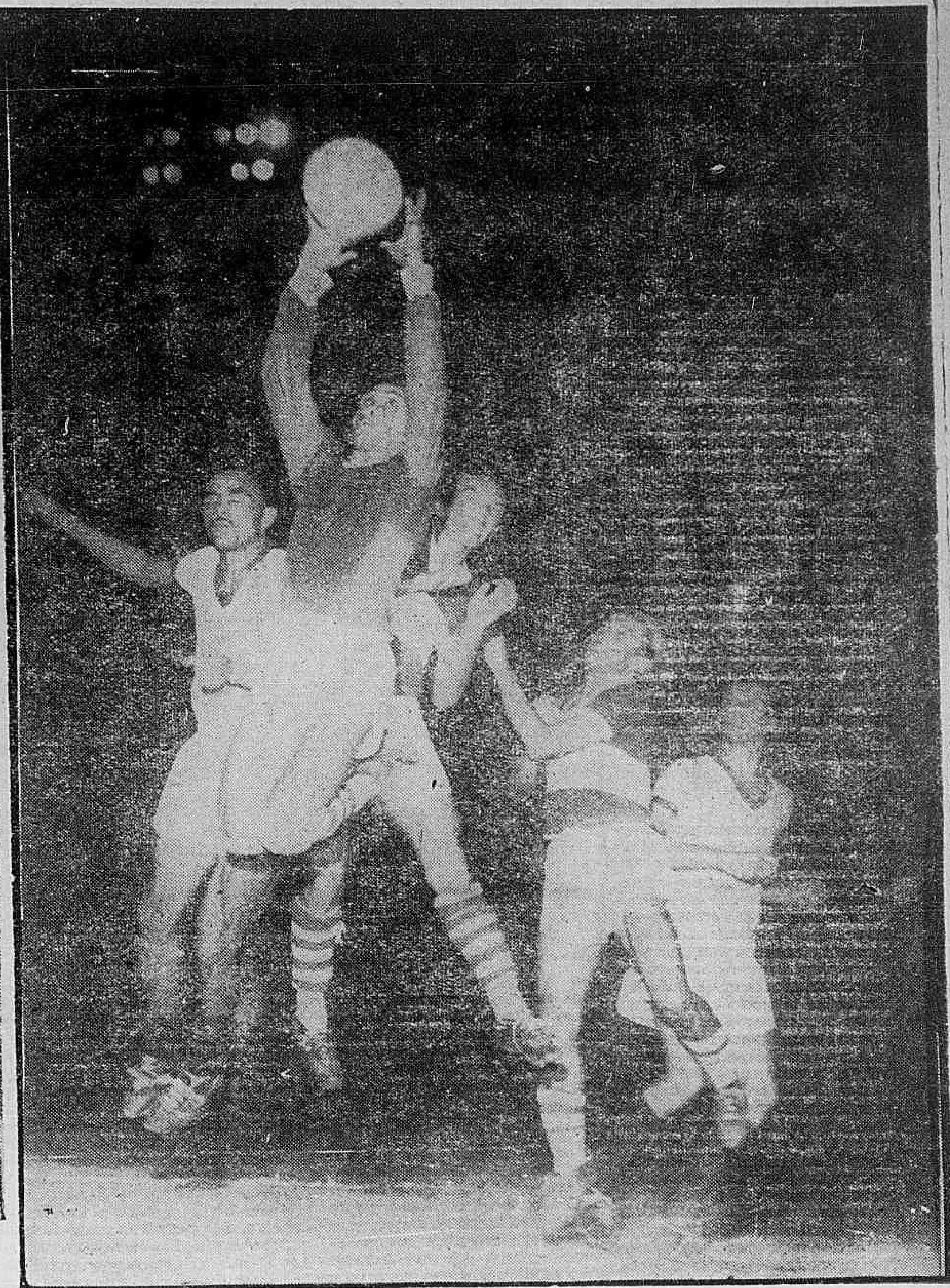
APRECIAÇÃO D[...]

Os mineiros jogaram [...] Duque e Luzitano lutaram [...] Negrinhão foi o melhor m[...] bem contribuiram para a [...] nho foi o grande atacante [...] Murilinho. Aloisio apenas e[...] ria ser o autor do goal da [...]

Entre os paraenses, I[...]

NEIROS E GAUCHOS





...do-s ...arqueiros em ação durante a movimentada peleja

...l pertenceu a Minas. Aos 41 ...h a Aloisio acaba em Muri...a, shootando enviesado, for... ...egunda fase, aos 9 minutos, ... Izam, indo a bola à cabeça ... minutos, Duque salva uma ...rner. A bola caiu rente ao ...a para marcar. Exatamente ... desnecessario de Duque, na ... primeira prorrogação ficou ... minutos da segunda prorro... ...ho, que invade a area, apa... ...s paraenses para barrá-lo. ...ro, dando chance a Lucas ...ado, entrar de cabeça, deci...

...OS JOGADORES

... um bom trio final. Chico, ... máximo durante a partida. ... e Afonso e Lazaroth tam... ...encia da retaguarda. Alvi... ...neiro, seguindo-se Lauro e ...ado, e Lucas teve como glo... ...ria.

... foi o melhor, seguido de Dodó e Modesto. Expedito apareceu bem, Jambo regular e Manoel Pedro o mais fraco. Quiba foi o grande atacante. Teixinha um ponta perigoso

Os demais, fracos.

DESCLASSIFICADOS OS BAIANOS PELOS GAUCHOS

S. PAULO, 1 (Asapress) — Gauchos e baianos voltaram esta noite ao Parque Antártica, para decidirem a supremacia entre o football do sul e do nordeste, no certame máximo do socer nacional. Choque decisivo, com maiores possibilidades para os gauchos, que, possuidores de uma equipe categorizada e vencedora do primeiro jogo por 2x1, bastava-lhes um empate, para classificarem-se nas semi-finais, contra os paulistas. A primeira fase do jogo foi inteiramente ao contrário do que a maioria da assistencia esperava. Porque os rapazes da "bôa terra", com uma atuação brilhante, dominaram técnica e territorialmente, refletindo-se esta superioridade no placard, com um tento de Hamilton aos 4 minutos. Mas iniciada a etapa complementar, notou-se imediatamente a grande disposição dos gauchos, de desfazer a diferença, e equilibrar o jogo. E os desejos dos sulinos não tardam a tornar-se realidade, com o tento de empate, de autoria de Johni. Com esse tento, animaram-se extraordinariamente os gauchos que, voltando a carga, tiveram a primeira vantagem por intermedio de Gita, autor do 2.º tento. Mas até aí, o prelio manteve-se perfeitamente equilibrado, sem que se pudesse prever qual seria o vencedor. Aos 28 minutos, após uma intervenção do goleiro Laça, o arbitro Gama Malcher assinala um penalty que ninguem viu e nem se sabe porque foi marcado. Protestam os baianos, mas terminam por acatar a decisão. Nesta ocasião, Joãozinho que viera de longe e tirara a pelota do lugar, foi expulso, passando a equipe baiana a jogar com 10 homens. Hermes bate e assinala o 3.º tento dos gauchos. Aos 35 ms. Hamilton que desde principio se vinha constituindo numa constante ameaça para o reduto de Sergio, em boa jogada marca o 2.º e último tento baiano. Finalmente aos 40 minutos com os baianos já destroçados e descontrolados desde a marcação do penalty, Mujica assinala o 4.º e último goal da noite, num lance duvidoso.

Entre os vencedores, foram figuras de realce, Sergio e Clarel na defesa e Hermes, Adãozinho e Gita no ataque. No quadro baiano, o goleiro Leça, os zagueiros e Jereco, Hamilton e Isaltino na vanguarda, foram os melhores. Os quadros formaram assim:

RIO GRANDE DO SUL — Sergio; Clarel e Bedeu; Hugo, Johni e Heitor; Gita, Hermes, Adãozinho, Mujica e Geada.

BAÍA — Leça; Bacamarte e Zé Grilo; Raimundo, Berto e Evilasio; Jereco, Velau, Hamilton, Joãozinho e Isaltino.

NOVAMENTE EM AÇÃO O SCRATCH

De VASCO ROCHA

Uma vez terminado o periodo efemero em que o Rei Momo imperou de Norte ao Sul do pais, periodo no qual todos os brasileiros tiveram licença para arriar a máscara com a qual vivem as aperturas de todo o resto de tempo da sua existencia, voltou a dominar o espirito daqueles que são apaixonados dos desportos o "rei" de todos, o football. Em todos os setores das atividades desportivas do pais os clubes e jogadores, sempre seguidos pela massa de fans, voltaram a se movimentar no sentido da realização das costumeiras competições que tanto empolgam e fazem vibrar. Aqui, como no Sul e no Norte, os desportistas estão vivamente preocupados com o reinicio da temporada. Providencias elásticas e completas são desde logo tomadas. Os jogadores que estavam em ferias são convocados. Os treinos voltam a ser realizados, tudo é movimentação e dinamismo.

* * *

Todavia, a preocupação maior do momento é o prosseguimento do Campeonato Brasileiro em curso. Estão sendo disputadas as partidas semi-finais. Os campeões do Centro, do Norte e do Nordeste desceram e os campeões do Sul subiram até os locais onde deveriam se encontrar para a realização dos cotejos de classificação final. Paraenses, baianos, mineiros e gauchos participaram das pelejas que lhes designaram a tabela previamente elaborada, e fizeram vibrar os seus adeptos, os coestaduanos que, perto ou longe, tremeram de emoção durante as refregas e depois, ou se exaltaram de júbilo e contentamento ou se deixaram abater pelo desânimo em face dos reveses das representações dos respectivos Estados. Dirimidas as supremacias, indicados os campeões, se movimentarão estes no sentido de buscar outras vitorias, agora pelejando contra adversarios mais poderosos, mais experimentados, capazes de desfazer todas as ilusões. Paulistas e cariocas, representando os dois maiores centros esportivos do país, entrarão em atividade, enfrentando aqueles que se proclamaram vencedores do seu grupo.

* * *

O resultado final dessa "ouverture" de esperanças ilusorias deverá ser aquele mesmo esperado em cada final do Campeonato Brasileiro de Football. Caberão aos cariocas e aos paulistas, como sempre tem acontecido e como acontecerá ainda por muitos anos, disputar a peleja decisiva, a peleja maxima do certame nacional, aquela que apontará os campeões do país. Mais experimentados, contando com os maiores cartazes nacionais, com os elementos de maior destaque, a maioria deles oriundos dos Estados do Norte, do Centro e do Sul, que agora brilham em outros setores, paulistas e cariocas, desfazendo as ilusões daqueles seus adversarios, entrarão na reta final para a conquista do ambicionado titulo de campeão brasileiro. Quer isso dizer que, ainda por mais duas ou três semanas, o público continuará vibrando, empolgado, com a realização do Campeonato Brasileiro, aguardando o resultado das últimas partidas, das pelejas decisivas.

* * *

Depois, as atenções voltarão para um ponto de interrogação interrompido. Os jogadores requisitados para a formação do selecionado brasileiro que participará da Copa do Mundo deram apenas quatro treinos. Três vezes nesta capital e uma vez em São Paulo, no Pacaembú de "cabeleira de verão", os jogadores foram submetidos aos preparativos iniciais. Agora, logo que esteja terminado o Campeonato Brasileiro, arrumarão as malas para a concentração balnearia, irão para a cidade mineira de Araxá. Antes disso não voltarão a treinar nesta capital. Na estancia das Alterosas farão um regime especial de recuperação física, serão submetidos a um tratamento convencional, ficarão em repouco. Para corresponder à expectativa do povo hospitaleiro e entusiástico de Araxá, os jogadores realizarão ali um único treino em conjunto, apenas um. Esse treino será realizado às vésperas do regresso, por ocasião da volta ao Rio de Janeiro. Tal acontecimento deverá se verificar lá para o dia 20 de abril. O embarque para Araxá está marcado para o dia 23 de março, o que quer dizer que os scratchmen deverão ficar cerca de um mês em Araxá.

* * *

Uma vez de regresso da estancia mineira continuará em execução o programa de preparação elaborado por Flavio Costa. A essa altura o técnico já terá regressado, tambem, da Inglaterra. Flavio Costa, em principios do mês de abril, irá à Grã-Bretanha. Vai assistir ao sensacional match que se disputará em Londres entre os ingleses e os escoses, peleja decisiva do Campeonato da Grã-Bretanha, que foi realizado paralelamente aos jogos eliminatorios pelos quais foram escolhidos os dois participantes britânicos à Copa do Mundo. Flavio Costa vai ver como jogam dois dos mais poderosos adversarios dos brasileiros, e certamente, da sua presença ao local do importante match, há de saber tirar conclusões lógicas, há de apurar, cautelosamente, mas com espirito de observador paciente, quais as verdadeiras possibilidades nossas no máximo certame internacional de junho-julho de 1950.

* * *

Regressando de Araxá, ao mesmo tempo que Flavio Costa estará de volta da Inglaterra, os jogadores selecionados irão se concentrar em maravilhoso recanto da baia de Guanabara. Ficarão alojados na ilha de Saravatá, onde serão prepraradas as necesarias acomodações para abrigá-los. O programa continuará sendo executado. Uma vez por semana, os jogadores deixarão a ilha para se submeterem a um treino de conjunto. Os exercicios de conjunto, pelos quais será conseguida a harmonia das linhas ofensiva e defensiva do scratch, serão realizados em número quanto maior melhor. Quanto mais treinar o selecionado melhor será a sua forma técnica, melhor será o apuro da equipe, porque, na realidade, para fazermos figura brilhante na Copa do Mundo, teremos que apresentar um quadro harmonioso em que cada peça esteja bem ajustada em seu lugar, para a realização de um trabalho de associação, de entendimento, coletivo, de maneira a produzir e a render o máximo durante as suas atividades, enfrentando os maiores selecionados do mundo. Assim, desde o regresso de Araxá e até à data prefixada para o inicio da "Copa Jules Rimet", em 24 de julho, os jogadores brasileiros poderão se preparar, poderão apurar a sua forma técnica. Dada a importancia de que se reveste o grande certame internacional, as medidas previamente tomadas se justificam, são necessarias. Os jogadores poderão cumprir calmamente o programa de preparação.

* * *

Todos os treinos do selecionado serão realizados no Estadio Municipal, no proprio local onde serão disputadas as sensacionais partidas da Copa do Mundo. A cancha do gigante do Derby já está pronta. Houve uma preparação cuidadosa, os últimos requisitos da técnica foram aproveitados e assim, a cancha, aquele tapete verde onde pisarão ingleses, italianos, suecos, escoceses e tantos outros grandes cracks, já se encontra em condições de nela se exercitar o selecionado nacional. Deixando a ilha de Saravatá, uma vez por semana, os jogadores serão conduzidos para o Estadio Municipal e ali, sob a direção de Flavio Costa receberão as instruções e os ensinamentos de que carecerem. O Estadio Municipal, propriamente dito, deverá estar pronto no mês de maio. Aquele grande monumento do Derby vai tomando impulsos extraordinarios de acordo com as previsões de sua construção, adiantando-se as obras, crescendo dia a dia. Tudo indica que será inaugurado no dia 25 de maio. Com um grande match. Paulistas e cariocas pisarão pela primeira vez o maior estadio do mundo para inaugurá-lo com uma peleja que há de registar-se com letras de ouro nos anais do football nacional. Praza aos céus que tudo continue a verificar-se de acordo com as previsões, como até agora.



O trio atacante favorito: Zizinho, Ademir e Jair

DA PRIMEIRA FILA

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 3)

ficar assim — esmagou o porteiro com um "Eu sou o pai do Tovar!" O porteiro curvou-se todo, quase espanou o chão com as costas da mão. "Me perdoe, seu doutor, me perdoe. Eu não sabia, seu doutor. Tenha a bondade, seu doutor. E' por aqui, seu doutor".

CULPA fôra do porteiro. Bem feito. Jair Tovar não gostava de humilhar ninguem. De quando em quando, porem, se tornava preciso falar um pouco grosso. Jair Tovar não pôde deixar de experimentar uma sensação agradavel de força. Para o porteiro do Botafogo, daquele momento em diante, Jair Tovar era o pai de Tovar, o importantissimo pai de Tovar, Tovar, não precisa mais trazer a carteira, dar um nó no lenço para não esquecer a carteira de socio. "Me perdoe, seu doutor". Nunca o porteiro do Botafogo imaginara que o pai de Tovar descesse lá das alturas e aparecesse diante dele como um mortal qualquer. O pai do Tovar não pedia, mandava. E o porteiro abandonou a porta, nada mais tinha importancia, a única coisa que tinha importancia era o pai do Tovar. Tenha a bondade, por aqui, o porteiro andava todo curvado, ananicando-se para o pai do Tovar, varrendo o chão, em cumprimentos largos, para o pai do Tovar. E Jair Tovar teve que ir para a tribuna de honra, ele que preferia sempre um lugar entre os torcedores comuns. Se não fosse para a tribuna de honra Jair Tovar esmagaria de vez o porteiro do Botafogo, faria o porteiro do Botafogo ficar com medo de que o céu lhe caisse em cima. "E mil perdões, senhor doutor, mil perdões." Era por essas e outras que Jair Tovar não queria ser, diante de ninguem, o pai do Tovar.

CORINTIANO O MAIOR CRACK DE MINAS

MURILO, PADRÃO DE TÉCNICA E DISCIPLINA

Encerrado o gigantesco esforço feit opara reter seu famoso beque, o Atlético louvou, publicamente, em nota oficial, os serviços prestados pelo jogador ao clube, em seis jornadas de excepcional brilho — Luvas de 350 mil cruzeiros para um dos fenômenos produzidos pelo futebol montanhês — "Professor", o apelido que lhe deram

De JANUARIO CARNEIRC

BELO HORIZONTE, fevereiro — Está en cerrada a trajetoria desse extraordinario zagueiro Murilo Silva no football de Minas. De pois de seis jornadas esplêndidas ,em que ele se constituiu, normal e invariavelmente, nu ma das figuras culminantes das nossas canchas, é certo que vimo-lo partir profunda mente constrangidos, sentindo, desde então, a falta que sua presença fará ao êxito das nossas equipes e ao brilho dos espetáculos desportivos, nos quais ele sempre despon tou fazendo valer a beleza da sua técnica e a perfeição do seu estilo.

Não é de hoje que por estas bandas do Brasil chamamo-lo "o zagueiro central n. 1 do país". Sustentando e ganhando os duelos mantidos com os maiores ases da sua posição, soube se portar sempre como um cra ck completo, como um astro insuplantavel. Ganhou um prestigio raramente conseguido por qualquer outro atleta, entre a torcida dos campos de Minas Gerais. Adeptos de to dos os clubes nunca lhe negaram os aplausos francos e desapaixonados com que se brin dam os super-cracks. Murilo Silva — eis a verdade — desde há muito deixou de ser u m jogador do Atlético, para se tornar um patrimonio do football, uma propriedade d a torcida de Minas Gerais.

Sua perda foi profundamente dolorosa. E, para evitá-la, todos os esforços foram envidados. Todavia, ocorreu como uma con tingencia natural da vida: a necessidade de uma situação melhor.

"PROFESSOR", EIS O APELIDO QUE LHE DERAM

Murilo nasceu, efetivamente, com uma grande estrela. Poucos cracks, em toda a longa e agitada historia do football das mon tanhas, terão conseguido despontar de forma tão fulminante e de forma tão fulminante te rão conseguido chegar aos pincaros da gloria.

Murilo Silva tem hoje 26 anos de idade e seis, apenas, de football profissional. Apesar disso, levantou três titulos no nosso football, como bi-campeão de 46-47 e campeão de 49, conseguiu atingir a seleção nacio nal como participante de preparativos a se firmar como titular do scratch de Minas, on de surgiu, na trágica jornada de 43, como a coisa de aproveitavel que restou da ago nia que então vivemos com Ademar Pimenta.

Nesse periodo de estrelato, Murilo Silva se pôs entre os valores mais altos e mais brilhantes do football do Brasil. Foi sem pre um ás de ilimitado recursos, um artista primoroso, um back completo, um crack, a final, na mais ampla acepção do vocábulo. Jornada após jornada, foi um mágico fan tástico, um prestidigitador fabuloso a encantar e dominar todas as platéis que por fe licidade o viram jogar.

Nunca, talvez não. Mas poucas vezes a torcida pôde assistir um back "gastar a bola" com tanta personalidade, com tanta exuberancia de recursos...

Outro apelido, por tudo isso, não lhe ficaria tão bem como aquele que lhe deu a torcida: "Professor".

REALIZA O CORINTIANS UM VELHO SONHO

Fazem varios anos que o Corintians Pau lista busca ansiosamente o concurso do maior jogador de Minas. Ambiciona o clu be dos calções negros, não é de agora, os serviços de um dos fenômenos maiores que o football de Minas Gerais já produziu. Murilo estava para as montanhas assim co mo Tesourinha estava para os pampas. Ambos a figura suprema dos seus pagos. Ambos cracks do mais alto valor.

Tentativas as mais diversas e insisten tes foram feitas para carregá-lo para São Paulo. Tudo em vão, porem. Nunca a tor cida do Atlético — o público de Minas, em verdade — admitiu a perda do back insu peravel. Esteio da equipe, muralha estendida no interior da area carijó, manteve in variavelmente uma regularidade impressionante de produção. Quando se casou — há cerca de dois anos — a torcida respirou fundo, desafogada. Parecia que o crack es tava definitivamente radicado à cidade. Em principios de 48 foram-lhe dadas as maio res luvas já pagas a alguem no football de Belo Horizonte: cerca de duzentos mil cruzei ros. E agora, quando seu contrato caminhou para o fim, novos e enormes movimentos fo ram feitos para dar ao jogador outra compensação vultosa. As pretensões do crack, contudo, renovaram as esperanças do Corintians, vivas há tantos anos: 180.000 cruzei ros para ficar, 350.000 para tirá-lo daqui. O Atlético iniciou a luta pela retenção, o Co rintians desde logo mostrou-se disposto a levá-lo, principalmente porque, mais uma vez, como sempre, Murilo terminaria contrato com passe livre.

O caso, tão rumoroso e no qual entrou tanta dose de sentimentalismo envolvendo vultosas transações financeiras, encerrou-se quando o Atlético expediu uma nota oficial desistindo de ficar com o jogador, desde que não lhe é possivel atender suas exigencias.

O Corintians realiza o seu grande so nho: Murilo é mosqueteiro desde 1.° de fevereiro.

UM RELOGIO QUE CONSAGRA

A nota oficial do Atlético termina assim: "Nesta oportunidade, a diretoria sente-se no dever de agradecer, de público, a efi-ciente colaboração prestada pelo atleta Murilo Silva, que durante sua permanencia no Atlético soube portar-se com bravura, lealdade e disciplina".

Um elogio espontaneo, público e since ro que o clube faz, pela vez primeira, a um seu atleta profissisonal. Prova de que esse pri moroso zagueiro não é apenas um grande crack; mas tambem, um desportista de ra ras virtudes.

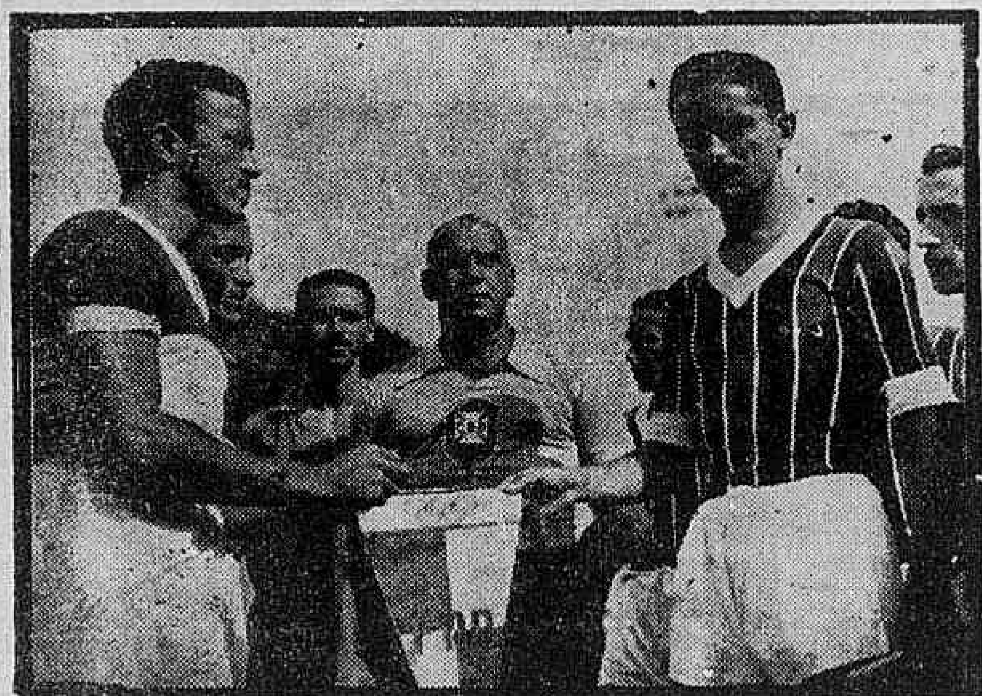


Murilo, o excepcional zagueiro do Atlético, que agora está no Corintians

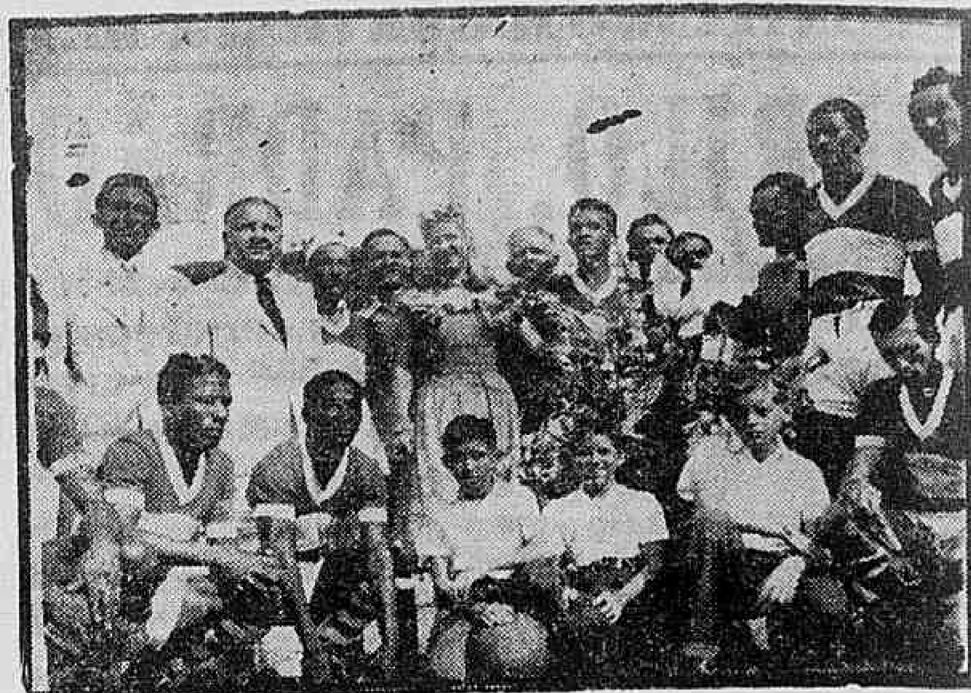
TOSSE?
BENZOMEL
XAROPE - CALMANTE E EXPECTORANTE

EMPATE no primeiro match

PARÁ X MINAS



Mario Vianna, árbitro do encontro, ladeado por Izan e Zé do Monte



Uma das notas da tarde esportiva foi a presença da atriz Mara Rubia que, como paraense, foi incentivar os representantes de sua terra

Após o intervalo do Torneio Rio-São Paulo, a apresentação em campo carioca, dos selecionados do Pará e de Minas, foi um novo prato para o público. De fato havia muita curiosidade em rever os mineiros, depois do hiato do certame brasileiro, e os paraenses há longo tempo ausentes dos matches finais do certame máximo. A impressão que sempre ficou dos adversarios de agora, foi sempre favoravel. Passando nas provas iniciais, mineiros muitas e muitas vezes chegaram à semi-final, ameaçando por vezes os cariocas. Muitos jogadores de real mérito têm vindo no scratch, o que fica comprovado pela projeção posterior que cada um conquista. Por sua vez, os paraenses, na última visita de 1941, lograram atuação de destaque. A ausencia nesse intervalo de tempo algo longo, devem-se a causas diversas, mais precisamente definidas nas dificuldades financeiras e na politica clubística, tão comum no football regional.

Inicialmente, o que se pode dizer da partida, é que agradou com algumas restrições. A principal delas foi o team mineiro. Sempre combativos e lutadores, os montanheses vêm ao Rio apresentar um football técnicamente razoavel.

Desta feita, porém, Minas apresentase fracamente. A dificil classificação obtida — derrota em Caio Martins e vitoria penosa na prorrogação do segundo jogo, em Belo Horizonte — foram indicios, não apenas de má sorte em uma ou duas partidas, mas de que o selecionado mineiro atravessa fase adversa. E não se diga que faltaram cartazes do quadro. A despeito dos desfalques alegados, lá estavam em campo figuras como Nivio, que os mineiros classificam como o extrema de melhores qualidades em todo Brasil, Zé do Monte, sempre sonhado por varios clubes, e cujo preço orça por algumas centenas de milhares de cruzeiros, alinhando-se por fim o famoso Aluizio, "pivot" de um Fla-Flu extra, que prendeu por varios dias as atenções do público.

AINDA SOBRARAM VALORES MINEIROS E PARAENSES

Esses cartazes nada fizeram para justificar a propaganda de que têm sido foco

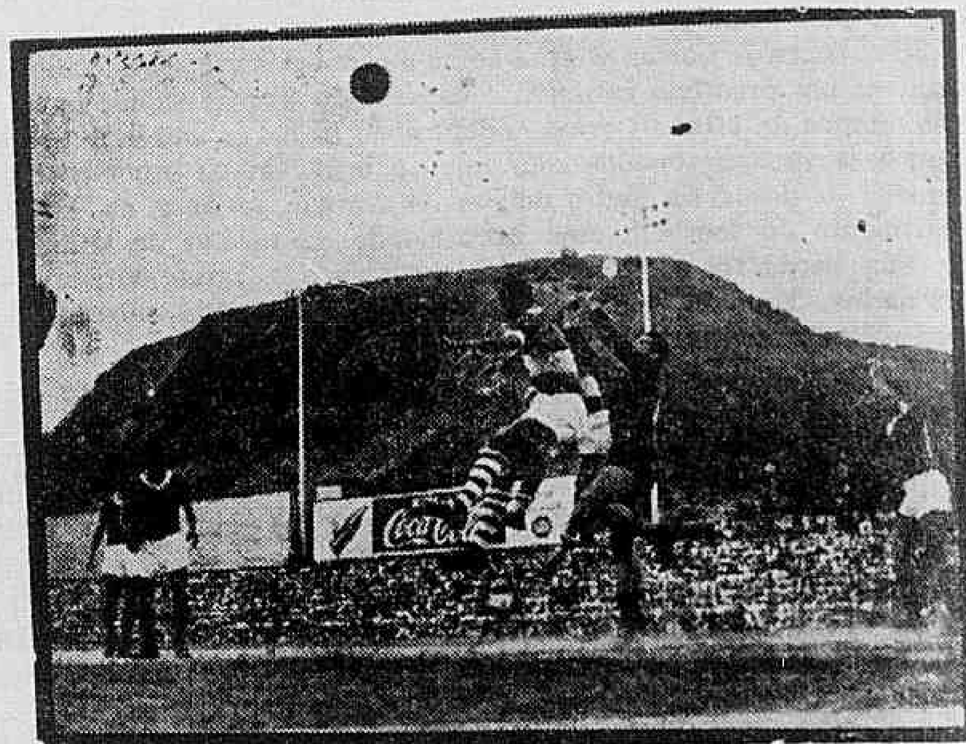
O técnico Bengala fez varias modificações para os jogos das quartas de finais e, conquanto o resultado tenha sido nulo, alguma coisa se salvou da partida. Desprezando os jogadores que sucumbiram ao peso excessivo do cartaz, apareceram alguns novos, como o back Duque, um bom companheiro do já veterano Lusitano. Na linha media Afonso e Negrinhão, já nosso conhecido, enquanto no ataque Murilinho e Alvinho fizeram alguma coisa. Em resumo Minas chegou à situação de ver apontados este e aquele jogador que se destacou individualmente ou ainda dos poucos que fugiram ao completo fracasso. Foi um team fraco, sem capacidade para reagir, sofrendo durante 85 minutos, salvo por um goal que deve ter surpreendido até os proprios jogadores, àquela altura já convictos de que sairam de campo derrotados.

Do lado paraense não há que empregar tanto rigor. O atual team campeão carioca só é nosso conhecido atrvés as vitorias do Remo nas suas excursões, quando apenas uma derrota foi sofrida.

Evidentemente, os mineiros foram para a luta cercados de algum favoritismo, pelo simples fato, é lógico, de não serem conhecidos os paraenses. Daí a atuação do selecionado nortista que, sem chegar a ser apreciavel, surpreendeu bastante o público. Alem de manter o placard favoravel até os últimos minutos da luta, os paraenses mantiveram-se sempre dentro de ativo padrão de jogo, correndo muito e criando situações dificeis para o adversario, à base de entusiasmo. Rigorosamente, poucos foram os ataques tecnicamente arquitetados, pois que como já esclarecemos, a base da produção é o entusiasmo.

A retaguarda articulou-se bem, com Dodó, um bom arqueiro, auxiliado por Izan e Modesto, o primeiro back seguro, e o segundo um half. Expedito e Jambo, que já foi tricolor carioca, e mais Manoel Pedro, cumprem razoavelmente suas missões. Do ataque pouco há a dizer, de vez que, somente Quiba e Jaime, este já integrante, há tempos, do América carioca, trabalharam com acerto. Os outros Itaquarí, Marido e Helio, nada mais fazem do que atrapalhar os esforços do resto do team.

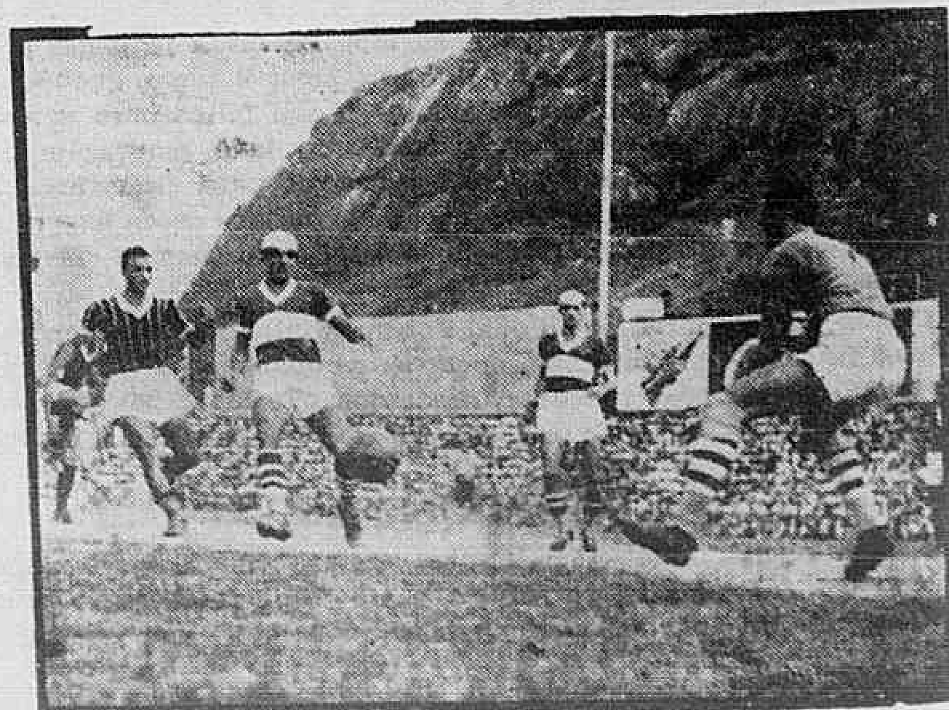
(CONCLUI NA PÁGINA SEGUINTE)



...efesa de Chico



...colonia paraenses compareceu em massa a General Severiano



Dodó pronto para entrar em ação

O entusiasmo dos nortistas valorisou o encontro

(CONCLUSÃO DA PÁGINA ANTERIOR)

O PLACARD FICOU EM UM TENTO PARA CADA SCRATCH

O match pouco ofereceu além de alguma movimentação. Como mineiros e paraenses alegam que os teams não atuaram em tarde inspirada, ficaremos aguardando essa melhoria prometida.

Os tentos foram conquistados um em cada fase. O paraense, que perdurou isolado durante quase toda a partida, nasceu aos 28 minutos iniciais, quando, após um corner de Duque, cobrado por Jaime, a bola caiu para Jambo. O center estendeu à direita para Itaguari que centrou para a area, colocando Helio, que fulminou o goleiro com bonita cabeçada. O empate só veio quando faltavam cinco minutos para o fim da partida. Alvinho, na entrada da area paraense, atirou inesperadamente na direita do arco. Dodó ainda esforçou-se para defender, mas apenas tocou a bola com a ponta dos dedos.



Salto espetacular de Chico

O PANORAMA DOS ESPORTES NA POLONIA

VARSOVIA (BIP) — Apesar da terrivel devastação e perdas em vidas humanas durante a ocupação alemã, quando pereceram numerosos ases do esporte polonês, desde a libertação os esportistas poloneses têm progredido muito, obtendo resultados auspiciosos e varios sucessos em competições internacionais.

Os seis anos de interrupção nas atividades esportivas, provocados pela ocupação alemã, têm sido um estimulo para a expansão no florescimento dos esportes no após-guerra. Em alguns setores, como, por exemplo, no football e no box, o número de associados nos clubes é maior do que antes da guerra e todas as competições gozam de grande popularidade entre o público polonês. Basta dizer que, enquanto na Varsovia de antes da guerra, com uma população de 1.300.000 habitantes, um estadio com acomodações para 40.000 espectadores era amplamente suficiente, na hora atual, quando a população da capital soma 650.000 habitantes, regista-se em media uma procura de 80.000 entradas para os encontros futebolisticos internacionais.

Na Polonia de hoje um esforço especial é dispendido no sentido de popularizar a prática dos esportes, sem que por isso se descuide das competições entre os melhores atletas. 25 Associações Esportivas, cooperando com o Bureau Central de Cultura Física, agremiam todos os esportistas poloneses em atividade.

A mais poderosa é a Associação Polonesa de Football, reunindo 115.000 jogadores, de 1.500 clubes diferentes. O scratch polonês registou varios sucessos internacionais, como as vitorias sobre a Tchecoslovaquia, Bulgaria e Albania, um empate com a Rumania e uma ligeira derrota por 1x2 com a Dinamarca.

Um outro esporte popular é o pugilismo. A Associação Polonesa de Pugilismo são filiados 300 clubes com mais de 11.000 atletas. O renome dos boxeadores poloneses é bem grande e antes da guerra a equipe polonesa levantou por duas vezes o título de campeã européia. Agora, nos jogos olímpicos de Londres a Polonia obteve uma medalha de bronze e no campeonato europeu de 1948 em Oslo o peso-mosca Kasperczark sagrou-se campeão.

Uma outra especialidade polonesa é a corrida de motocicletas. Nas competições de velocidade em pista a Polonia derrotou em 1949 a Tchecoslovaquia e a Holanda e o ás polonês Smoczyk é considerado como um dos melhores corredores do mundo. Vale a pena mencionar que atualmente o número de corredores é de 14.000 e à Associação Polonesa de Motociclismo estão filiados 250 clubes, contra 62 antes da guerra com 3.082 ciclistas.

Tambem o ciclismo goza de grande popularidade. As grandes empresas anuais são a corrida Varsovia-Praga e Praga-Varsovia, de âmbito internacional e que tem lugar entre 1 e 9 de maio para comemorar o Dia do Trabalho e o Dia da Vitoria, e o não menos importante "Tour de Pologne". Nesses certames participam em media mais de 100 competidores, todos eles amadores, de sete paises. As atuações da equipe polonesa têm sido destacadas. A corrida Varsovia-Praga e Praga-Varsovia — um ano num sentido e outro ano no outro — tem atraido centenas de milhares de espectadores para o trajeto da competição e o público que a assistiu em 1948 é calculado em 5.000.000 de pessoas.

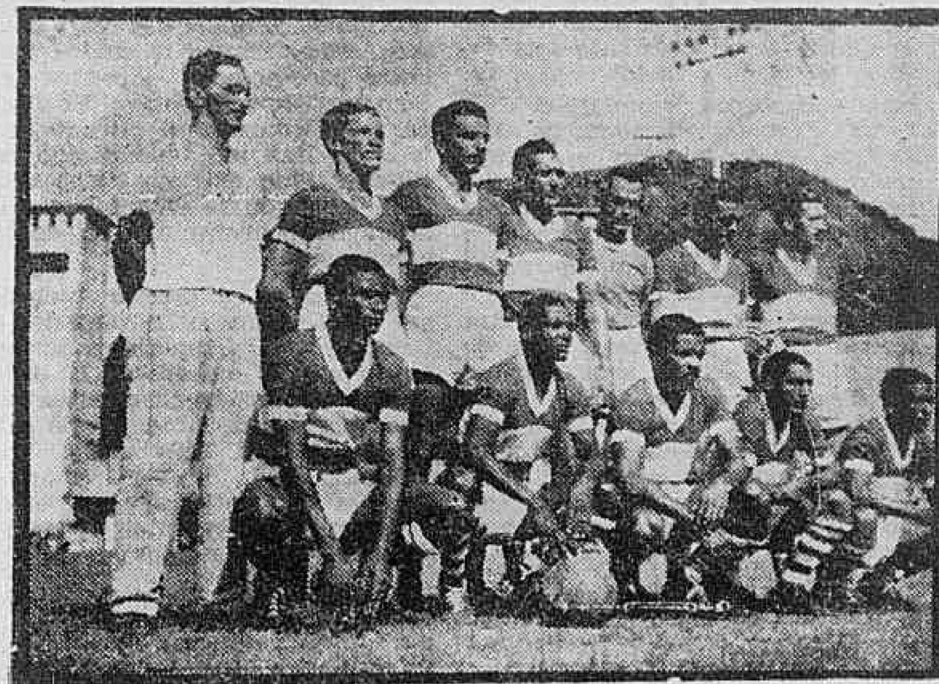
No que diz respeito ao tennis, o campeão polonês Skonecki foi classificado entre os 10 melhores tennistas da Europa. Em 1949 ele venceu em Budapeste o famoso Asboth, conquistando o título de campeão da Hungria e derrotando os melhores tennistas da Tchecoslovaquia e Rumania.

Foi no atletismo que a Polonia sofreu as perdas mais pesadas durante a ocupação alemã. Presentemente existem já varios jovens atletas que estão obtendo bons resultados. Os mais destacados são Adamczyk, recordista da Polonia em salto em extensão — 7,44m. — e que obteve o nono lugar no decatlo nas olimpiadas de Londres. O sprinter Stawvzyk é campeão mundial universitario nos 200 metros rasos, e obteve em 1949 o melhor resultado na Europa com 21,2 segundos. Enfim, deve-se destacar o discóbolo Lomowski, que teve uma participação saliente na última olimpiada.

Stanislaw Marusarz, um dos esquiadores mais conhecidos da Europa e veterano campeão é ainda o melhor nos saltos, a jovem geração de esquiadores promete, entretanto, muito. Em 1948 os esquiadores poloneses levantaram o campeonato mundial universitario. Tambem as competições internacionais da "Copa dos Tatras", realizada em 1949, deram à Polonia varias vitorias.

No Campeonato Acadêmico Mundial de Remo, um título máximo coube tambem ao representante polonês na categoria de "skiff". A Polonia derrotou por duas vezes a Suecia em torneios de remo.

A popularização cada vez mais intensa dos esportes na Polonia constitue uma garantia de que os resultados técnicos, obtidos pelos esportistas poloneses serão cada vez melhores.



O team paraense, acompanhado do técnico Nagib Malines, antes do jogo



Manuel Pedro rebate



O selecionado de Minas, formado antes do jogo, ostentando a bandeira do glorioso Estado

JOE LOUIS FOI O MAIOR?

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 5)

Qualquer boxeador que sabia esmurrar um pouco julgou-se no direito de desafiá-lo e Louis os foi alijando, como o cavalo que espanta as moscas com o rabo. Mas quem poderá saber o que teria acontecido caso tivesse enfrentado um adversario de verdade? Pode-se ter uma idéia pelo que quase aconteceu na sua primeira luta com Billy Conn, o simpático e popular esmurrador de Pittsburgh.

A primeira luta com Schmeling, os 12 rounds do primeiro encontro com Conn, o primeiro round da luta com Braddock, o segundo round do match com Tony Galento e o primeiro round da primeira luta contra Buddy Baer são falhas serias na carreira de Louis. Não levo em consideração a primeira luta com Walcott porque Louis tinha uma desculpa aceitavel. Mas a questão é que não se pode saber o que teria acontecido caso tais falhos tivessem ocorrido em lutas contra campeões do quilate de Sullivan, Corbett, Fitzsimmons, Jim Jeffries, Jack Johnson ou Dempsey. Joe Louis confessa que a sua luta mais dura foi a primeira que sustentou contra Billy Conn. Por uma questão de honestidade, deve-se convir que ele quase perdeu e teria terminado aí a sua carreira tivesse Conn um pouco mais de classe. Louis esteve bem próximo da derrota na luta contra Tony Galento. Tony moveu-se com habilidade pelo rink, espreitando uma oportunidade de aplicar um bom soco. No segundo round acertou um hook de esquerda que derrubou o campeão.

Atordoado e perplexo, Louis levantou-se à contagem de um, o que aumentou as possibilidades de uma vitoria de Galento por knockout. O boxeur que conserva o sangue frio aproveita-se da contagem até nove antes de levantar-se. Louis cambaleou pelo rink, mais ou menos indefeso, ficando erecto instintivamente até que se sentou na corda do meio, com a guarda abaixada.

Valendo-se dessa situação, Galento tentou desferir-lhe poderoso swing de esquerda no queixo, um soco que se destinava a ser o golpe de misericordia. Mas errou o alvo por uma fração de milimetro e nisso residiu a diferença entre Louis perder a coroa e Galento conquistá-la.

Levando-se em conta todos esses pontos falhos na historia de Louis, não parece a sua estatura tão sólida. Na historia de Dempsey só se observaram apenas duas dessas falhas. Uma foi na luta contra Bill Brenam. Teve de esforçar-se muito até derrotá-lo no décimo segundo round. E numa das mais selvagens, emocionantes e curtas lutas entre peso-pesados — contra Luis Firpo, o Touro Selvagem dos Pampas — Dempsey foi atirado para fora do ring por uma direita explosiva, indo cair nos braços dos jornalistas. E ele voltou para triunfar no primeiro minuto do segundo round.

Alem disso, é preciso acentuar que quase todos os adversarios de Dempsey foram superiores aos que Louis teve de enfrentar. E' dificil encontrar, entre os adversarios vencidos por Louis, lutadores do calibre de Willard, Billy Miske, Fred Fulton, Carl Morris, Brennan, Georges Carpentier, Tom Gibbons e Firpo, os quais foram todos sobrepujados por Dempsey.

Outra maneira de julgar a classe de um pugilista é analisar a sua potencia de soco. E' a potencia de soco a melhor qualidade que um boxeur pode ter porque constitue ao mesmo tempo um meio de defesa e de ofensiva. Na minha opinião, os três socos mais fortes aplicados nestas últimas três décadas foram, por ordem cronológica, os seguintes:

O primeiro hook de esquerda desferido por Dempsey em Jess Willard, no primeiro round, e que explodiu como uma bomba naquele 4 de julho de 1919. O soco foi simplesmente devastador e "amassou" a face direita de Willard.

O segundo soco foi o swing de direita que Max Baer aplicou em Primo Carnera no primeiro round da luta em disputa do título realizado em Nova York em 1934

O terceiro foi o dinamitador soco de Joe Louis em Braddock, no sexto round, o soco que na realidade decidiu a luta e o título. Tive o privilegio de ver pessoalmente os dois últimos murros. O primeiro, eu o vi nos filmes cinematográficos da luta. De resto, as fotografias de Jess Willard, tiradas antes e depois da luta, mostram claramente o efeito do soco de Dempsey.

Na minha opinião, o soco de Dempsey foi o mais destruidor dos três. Convem não esquecer que Willard era um homem alto e corpulento. Mas o murro de Dempsey foi desferido, com todo o vigor, logo no inicio da luta.

Joe Louis conseguiu tambem aplicar um soco dramático na luta com Lou Nova, que eu reputo uma das melhores que ele travou. A peleja coreu sem novidades até à altura do sexto round quando Louis acertou uma das mais terriveis direitas de todos os tempos, fazendo Nova voa.

Assim, pelo processo de eliminação de todos os outros campeões, exceto Jack Dempsey e Joe Louis, e comparando todas as falhas na carreira de ambos, falhas essas mais numerosas e serias na carreira de Joe Louis, julgo estar habilitado a dizer que Dempsey foi o maior peso-pesado de todos os tempos.

Ao analisar os estilos de luta de Dempsey e Louis, deve-se levar em consideração a extraordinaria velocidade de Dempsey para um peso-pesado. D etodos os peso-pesados que já vi lutar, ele era o que com mais rapidez se aproveitava de uma abertura na guarda do adversario. Quando se machucava.seus esforços pareciam aumentar e ele se tornava mais perigoso. As suas reações instintivas davam certo. Ele era um pugilista nato!

Joe Louis possuia tambem todas essas qualidades. Recuperava-se rapidamente e conservava até o fim a sua mortifera direita. Em certas ocasiões, entretanto derrotava certa tendencia para a confusão quando atingido em cheio.

Mas ao passo que Louis possuia uma direita fulminante, Dempsey a possuia tambem e fora aquinhoado com um hook de esquerda quase tão fulminante. Aqueles que compreendem a ciencia do box, sabem que um bom hook de esquerda é melhor do que uma boa direita. Os hooks de esquerda podem ser aplicados com menos perigo de um contra-ataque, o que não acontece com os "diretos". O perigo de um contra-ataque, após um soco de direita é três vezes maior do que após um hook de esquerda. Pesando bem todas as probabilidades, eu acredito que Dempsey teria surpreendido Louis com um hook de esquerda no inicio da luta, lançando-o no caminho da derrota.

Ao concluir este artigo, quero deixar bem claro que tenho Louis em alta consideração. Ele reinou e permaneceu no apogeu durante mais tempo que qualquer outro campeão. Isto é um traço inconfundivel de classe. E a resposta quanto a saber se Louis foi ou não o maior, terá sempre intima relação com o que se pensar de Dempsey. Se não foi Dempsey, não há dúvida de que foi Joe Louis.



• Também o organismo humano, aparelho delicadissimo, não pode funcionar bem, se as suas várias peças estiverem sujas e cheias de residuos.

• Uma das mais importantes dessas peças são os rins, a cujas funções se acham ligados outros órgãos da máquina humana.

• A limpeza e desinfecção periódica dos rins, feitas com os comprimidos de HELMITOL de Bayer, garante o seu perfeito funcionamento e resulta na saúde atual e numa velhice sadia e livre de achaques.



HELMITOL



LIMPA E DESINFETA OS RINS

ARTIGOS DE DESPORTO INTRODUZIDOS POR ARTÍFICES ESPECIALIZADOS

Ao passo que cada seção da Feira das Industrias Britânicas (a realizar-se em Earls Court e Olympia, Londres e Castle Bromwich, Birmingham, de 8 a 19 de maio), oferece provas abundantes da pericia industrial da nação, a dedicada aos Jogos e Artigos de Desporte, em Olympia, tem direitos muito especiais à atenção dos compradores estrangeiros. E' por ser a Grã-Bretanha tão rica em tradições desportivas que os seus fabricantes compreendem tão claramente as necessidades do desportista. E assim verifica-se que a virtude dominante dos objetos de desporte e produtos aliados britânicos é a sua suprema, incomparavel correspondencia aos fins a que se destinam.

Enquanto os jogadores de tennis não exigirem raquetes romboidais e os pescadores à linha não abandonarem o seu ortodoxo equipamento, esta seção da Feira jamais assombrará o público com modas ultra-modernas e exóticas; todavia, o sentido que tenha visitado feiras anteriores sabe por experiencia que o estilo e desenho mudam constantemente — se é com maior sutileza — nos aparelhos e material de desporto, como em muitos outros gêneros de artigos.

Embora o programa, em rápida expansão, das competições internacionais envolva uma insistencia correspondente, e muito necessaria, em que o equipamento de varios paises obedeça a certas especificações estandardizadas de tamanho e peso, fica uma medida surpreendente de possibilidades de variação de rendimento dentro daqueles limites, e os numerosos êxitos obtidos no estrangeiro por material fabricado na Grã-Bretanha fornecem prova suficiente de que os seus fabricantes apreciam as oportunidades e as aproveitam devidamente.

De ano para ano, desde que terminou a Segunda Guerra Mundial em 1945, tem-se assistido a uma melhoria continua no abastecimento das materias primas de alta qualidade de que a industria de objetos de desporto depende, assim como nas disponibilidades de artifices especializados. Pela primeira vez, em 11 anos, pode dizer-se que os fabricantes da Grã-Bretanha dispõem de tudo que precisam para produzir os artigos de qualidade que se orgulhavam de oferecer até 1939. Em muitos casos tambem, beneficiaram do aparecimento de novos materiais e de melhores métodos, descobertos no decurso de mais solenes atividades durante os anos intermedios da guerra. Que a industria regressou à normalidade neste respeito ressaltará da Feira de 1950 em que varios expositores poderão mais uma vez satisfazer a procura de antigas e favoritas especialidade, quando em 1948 e 1949 só podiam apresentar desculpas. Os expositores estarão em condições igualmente de prometer entregas muito mais rápidas do que num passado recente.

QUÊDA DOS CABELOS
Calvície precoce



JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Há cinqüenta anos

OITENTA MILHÕES DE CRUZEIROS RENDERAM AS LUTAS DE JOE LOUIS

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 3)

1942

Buddy Baer — N.Y.C.	$	65,200.00
Abe Simon — N.Y.C.	"	45.882.00
Total	$	11,082.00

1946

Billy Conn — N.Y.C.	$	625,916.44
Tami Mauriello — N.Y.C.	$	103,611.00
Exh. no Havaí	$	25,000.00
Total	$	754,527.44

1947

Exh. no México	$	12,200.00
Exh. Central & S. America	"	120,000.00
Joe Walcott — N.Y.C.	"	75,968.00
Total	$	208,168.00

1948

Leo Matriccani — Ex.	$	2,600.00
Bob Foxworth — Ex.	"	11,200.00
Exh. na Inglaterra	"	80,000.00
Exh. em Brussels	"	6,000.00
Syndicat Articles	"	10,000.00
Joe Walcott — N.Y.C.	"	252,522.00
Pat Comiskey — Exh.	"	5,660.00
Magazine Artigos	"	10,000.00
U. S. Exh. tournée	"	92,000.00
Total	$	470,182.00

1949

Tournée pelas Amércias do Sul, Central e Far-West — Ex.	$	242,000.00
Tournée nos Estados Unidos — Ex.	$	62,000.00
Total		$ 4,191,323.72

O GLOBO SPORTIVO



Diretores: Roberto Marinho e Mario Rodrigues Filho. Diretor Superintendente: Henrique Tavares. Gerente: Rubens de Oliveira. Secretario: Ricardo Serran. Redação, administração e oficinas: Rua Bethencourt da Silva, 21, 1.º andar, Rio de Janeiro. Preço do número avulso para todo o Brasil: Cr$ 0,80. Assinturas: anual, Cr$ 40,00; semestral, Cr$ 25,00.

PELA PRIMEIRA VEZ A INGLATERRA COLOCARÁ, EM JOGO O SEU CARTAZ

A CURIOSA HISTORIA DAS RELAÇÕES DAS FEDERAÇÕES BRITÂNICAS COM AS OUTRAS ENTIDADES NACIONAIS DO FOTBALL E COM A F.I.F.A.

De Albert Laurence

Durante trinta ou quarenta anos, pelo menos, no inicio da historia do esporte moderno, o football ficou um jogo exclusivamente britânico. Desde os tempos remotos da separação do "rugby" e do futuro "soccer" (1846) e da criação da primeira grande Federação inglesa, a "Football Association", em Londres (1863), até o primeiro campeonato profissional inglês (1888), só os sujeitos da Sua Graciosa Majestade gostavam de correr atrás uma bola de couro, e até nos paises da Europa ocidental ou da América do Sul onde se jogava football, os quadros estavam compostos quase exclusivamente co mcidadãos britânicos.

Mas a partir de 1900, mais ou menos, as coisas mudaram muito. As jovens Federações da Europa Continental contavam com um número sempre maior de clubes e de jogadores, agora nativos, e no inicio de 1902, surgiu a idéia de criar uma entidade internacional que dirigisse e regulamentasse o football na Europa e até no mundo inteiro. A autoridade e o prestigio da antiga "Football Association" inglesa ficavam tais, contudo que o promotor do projeto grandioso, o Sr. Hirschmann, secretario do Haia F. C. e da Federação Holandesa, expôs suas idéias numa carta, datada de maio de 1902, e endereçada a Sir Frederick J. Wall, secretario da "Football Association".

Primeira manifestação do espirito de "esplêndido isolamento" dos dirigentes do football inglês: a sugestão do desportista holandês, suscitou pouco entusiasmo e até varios votos contarios à iniciativa deixaram as coisas no "statu quo".

Entrementes, a Confederação francesa de desportos que se chamava então "L'Union des Sociétés Françaises de Sports Athlétiques" (U. S. F. S. A.), presidida pelo Sr. Robert Guérin, decidiu realizar um congresso das diversas Federações européias, e como nosso patricio não conheceu maior sucesso do que o Sr. Hirschmann junto ao ilustre Sir Frederick Wall, a reunião teve lugar em Paris, a 21 e 23 de maio de 1904, sem a presença dos britânicos, e foi assim que se fundou a "Fédération Internationale de Football Association" (F. I. F. A.), cujo primeiro presidente foi o mesmo Sr. Guérin.

Oito paises foram os primeiros membros da F. I. F. A.: Bélgica, Holanda, Italia, Alemanha, Suecia, Dinamarca Suiça e França.

Frente a este fato novo, a "Football Association" modificou sua atitude e "para evitar que o football se desenvolver se no mundo em linhas diferentes das traçadas na Inglaterra" pela F. A. e pelo "International Football Association Board", orgão de legislação e unificação das Regras do jogo (criado em 1882), os dirigentes de Londres enviaram uma delegação à F. I. F. A., estudaram a situação desta, e desde junho de 1905, a "Football Association" filiava-se à Federação Internacional.

VITORIAS INGLESAS NOS TORNEIOS DOS JOGOS OLÍMPICOS DE 1908 E 1912

Em 1908, de 19 a 23 de outubro, houve o primeiro Torneio Internacional de Football incluido no programa dos Jogos Olimpicos de Londres.

Cinco paises apenas apresentaram seus selecionados: Inglaterra, Dinamarca, Suecia, Holanda e França, esta última tendo, aliás, a ingenuidade de escalar oficialmente dois selecionados, A e B, ambos esmagados pela Dinamarca, pelas contagens sensacionais de 9 a 0 e de.. 17 a 1.

Por seu lado, a Inglaterra eliminou a Suecia por 12 a 1 e a Holanda por 4 a 0, e venceu o "final" derr... a Dinamarca pela contagem estreita de 2 a 0. A luta foi renhida e os dinamarqueses comandados pelo gigante Nils Middleboe deixaram uma impressão excelente. Já o bom football não era mais uma exclusividade britânica...

Convem notar, porem, que só podiam jogar neste Torneio autênticos amadores e que a Inglaterra, onde existia o profissionalismo em football desde 1885, podia argumentar que não tinha escalado, portanto, seus maiores jogadores. Os quase legendarios Vivian Jack Woodward, quem, capitão do selecionado vencedor, devia tornar-se, mais tarde, ele, amador puro, "captain" do "scratch" profissional inglês, Ivan Sharpe, hoje grande jornalista em Londres, etc., estavam contudo verdadeiramente entre os maiores "footballers" britânicos do momento.

No mesmo ano de 1908, as Federações da Escocoa e da Irlanda pediram sua filiação à F. I. F. A. Mas os membros da Federação Internacional, não querendo entender que se tratasse de duas entidades inteiramente independentes da Federação de Londres (que até foi suspeitada de querer ganhar, assim, dois votos a mais para fortalecer ainda sua influencia), recusaram estas filiações, aliás finalmente aceitas uns anos depois quando os fatos se esclareceram.

Em 1912, de 29 de junho a 5 de julho, os selecionados dos melhores amadores da Europa inteira participaram de um segundo Torneio internacional de football, e dos Jogos Olimpicos de Estocolmo. Onze nações foram representadas. O pais organizador, a Suecia, foi eliminado desde as oitavas de final, assim como a Alemanha e a Italia.

A Austria, a Hungria, a Russia e a Noruega cairam nas quartas de final. Nas semi-finais, a Inglaterra venceu a Finlandia por 4 a 0 e a Dinamarca derrotou a Holanda por 4 a 1.

Os dois mesmos finalistas de 1908 acharam-se, portanto, novamente opostos no final que a Inglaterra venceu pela segunda vez pela contagem de 4 a 2.

Dois anos mais tarde, arrebentava a Primeira Guerra Mundial.

DERROTAS DOS AMADORES BRITÂNICOS EM 1920, 1936 E 1948

Após o armisticio, a F. I. F. A. funcionou novamente, mas as quatro entidades britânicas — Inglaterra, Escocia, País de Gales e Irlanda — não manifestaram grande entusiasmo para tornar a levar a "vida em comum".

A Inglaterra participou, contudo, do Torneio de football dos Jogos Olimpicos de Antuerpia (28 de agosto a 5 de setembro de 1920). E aconteceu então o inesperado. Desde as oitavas de final, a Noruega "nocautou" a Inglaterra por 3 a 1. E' conhecido que nas semi-finais, a Tchecoslovaquia venceu a França por 4 a 1 (depois de ter derrotado a Noruega por 4 a 0 em quarta de final), enquanto o país organizador, a Bélgica, vencia a Espanha por 3 a 0. No final, a Bélgica derrotou os tchecos por 2 a 0, estes deixando, aliás, o campo de jogo antes do fim do tempo regulamentar para protestar contra as decisões do juiz e sendo, portanto, desclassificados.

Esta derrota do selecionado inglês precipitou, talvez, a rutura da "Football Association" e da F. I. F. A. Houve muitas discussões e controversias a respeito do amadorismo, suspeito de varios selecionados. A F. I. F. A. pediu ao Comité Internacional Olimpico, organizador dos Jogos Olimpicos, que aceitasse o principio que a Federação então presidida pelo Sr. Jules Rimet era "a mais alta autoridade em assuntos de football, não aceitando interferencia alguma ou orientação de quem quer que seja". E os senhores de Londres ficaram ofendidos.

Houve a primeira vitoria da França sobre a Inglaterra em maio de 1921. E as questões do "manque à gagner" ou "broken time" (pagamento aos amadores das horas de trabalho perdidas por causa do football) que os britânicos recusaram com intransigencia nem encarar, completaram o divorcio. E as Federações britânicas retiraram-se oficialmente da F. I. F. A. Só em maio de 1928, enquanto estavam "de cara fechada" desde 1920.

Os ingleses não participaram, por estes motivos, do Torneios de football dos Jogos Olimpicos de Paris (1924) e de Amsterdã (1928), ambos vencidos pelos uruguaios. E até se o selecionado amador da Inglaterra ou da Grã-Bretanha tivesse competido, a dúvida teria ficado inteira, pois não se podia negar que o "scratch" profissional de Londres fosse muito superior a este selecionado amador, enquanto os uruguaios e todos os outros concorrentes apresentavam seus maiores jogadores.

Foi, aliás, o que aconteceu quando o selecionado amador da Grã-Bretanha jogou nos dois últimos torneios de football dos Jogos Olimpicos de Berlim (1936) e de Londres (1948).

Na capital da Alemanha, os britânicos só venceram a China por 2 a 0 e depois foram eliminados pela Polonia (5 a 4).

E' conhecido que a Italia triunfou com um "onze" cujo "amadorismo" era muito duvidoso, pelo menos.

Em Londres (1948), o selecionado da Grã-Bretanha venceu a Holanda por 4 a 3 e a França (amadores) por 1 a 0 e perdeu por 3 a 1 em semi-final para os "funcionarios futebolisticos" da Iugoslavia, eles mesmos derrotados no final pela Suecia (3 a 1).

Mas isso tudo não significa nada em relação com o verdadeiro valor de football britânico, isto é, dos jogadores profissionais ingleses e escoceses.

As relações coretesss, porem bastante frias das Federações britânicas e da F. I. F. A. foram tambem o motivo da ausencia dos "scratches" inglês, escocês, galês e irlandês nas três primeiras "Copas do Mundo", vencidas respectivamente pelo Uruguai (1930) e pela Italia (1934 e 1938).

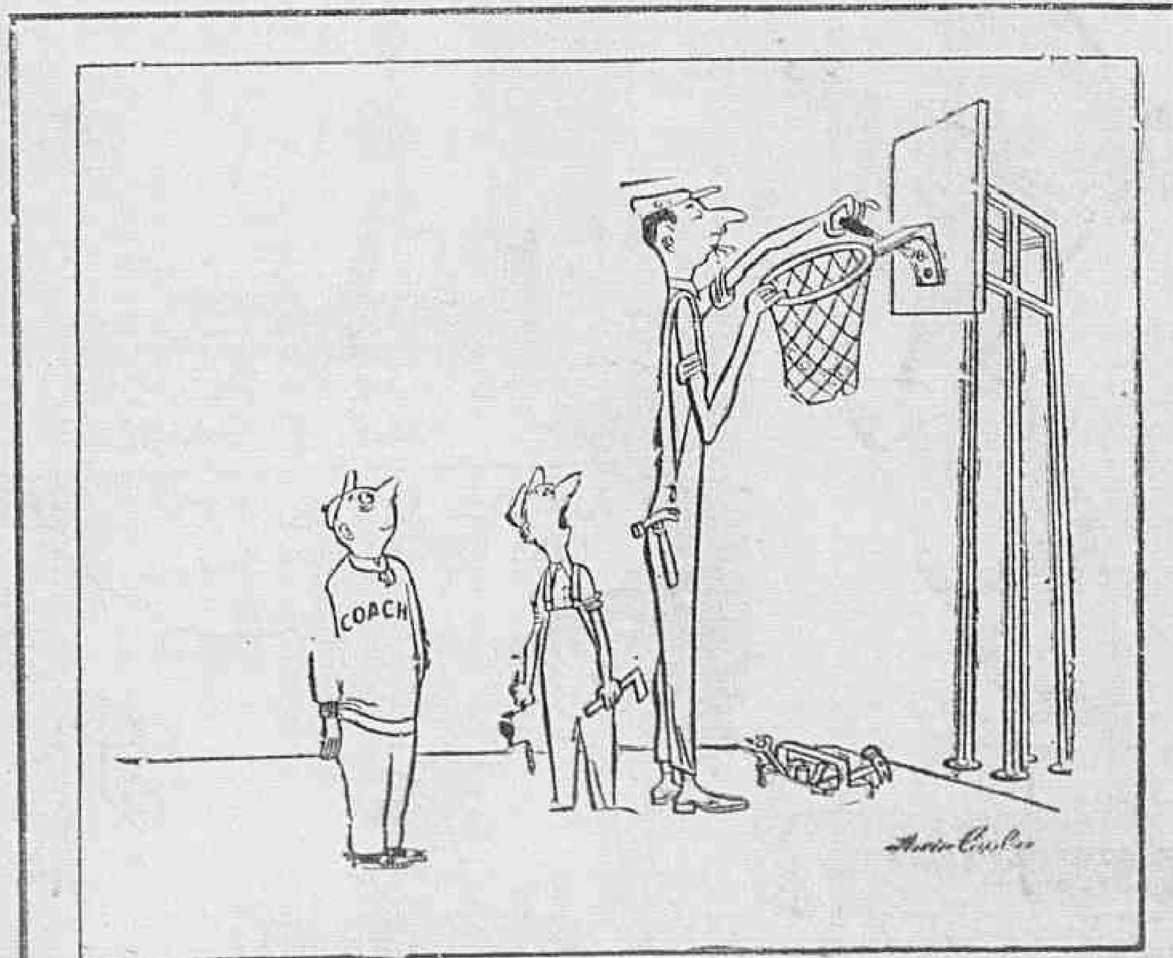
VOLTANDO AO SEIO DA F. I. F. A.

Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, as Federações britânicas e em particular a antiga "Football Association", de Londres mudaram, contudo, completamente, de atitude para com a F. I. F. A. A influencia de Sir Stanley Rous, sucessor do veterano Sir Frederick Wall como secretario da Federação inglesa, foi decisiva a este respeito, e a inscrição das quatro nações britânicas na Copa Jules Rimet (Copa do Mundo 1950) veio coroar esta nova atitude, aliás muito mais esportiva do que o esteril e egoista isolamento no qual se confinaram os britânicos durante vinte anos oficialmente, e de fato trinta.

Será um dos maiores motivos de interesse da IV Copa do Mundo esta participação da Inglaterra (e talvez da Escocia). Claro que entre as duas guerras mundiais, os contactos foram numerosos entre selecionados ingleses e selecionados da Europa Continental. E' conhecido, aliás, que 12 vezes nestes últimos 20 anos, o "scratch" profissional de Londres foi derrotado em campos europeus. Mas ficou sempre invicto na Inglaterra. E por outro lado, nunca na historia do football, jogou contra um selecionado sul-americano.

Apesar de tudo, os jogadores do pais que foi o berço do football conservaram na Europa inteira o respeito maravilhador de quase todos os amantes do jogo de bola. E até hoje são considerados como os "maiores jogadores do mundo" por tantos peritos que não querem acreditar numa superioridade possivel do football brasileiro, argentino ou uruguaio.

Eis porque a Copa do Mundo de Junho próximo no Brasil constituirá o maior acontecimento na historia internacional do football e, vamos repetir, o primeiro "verdadeiro" Campeonato do Mundo do "esporte-rei".

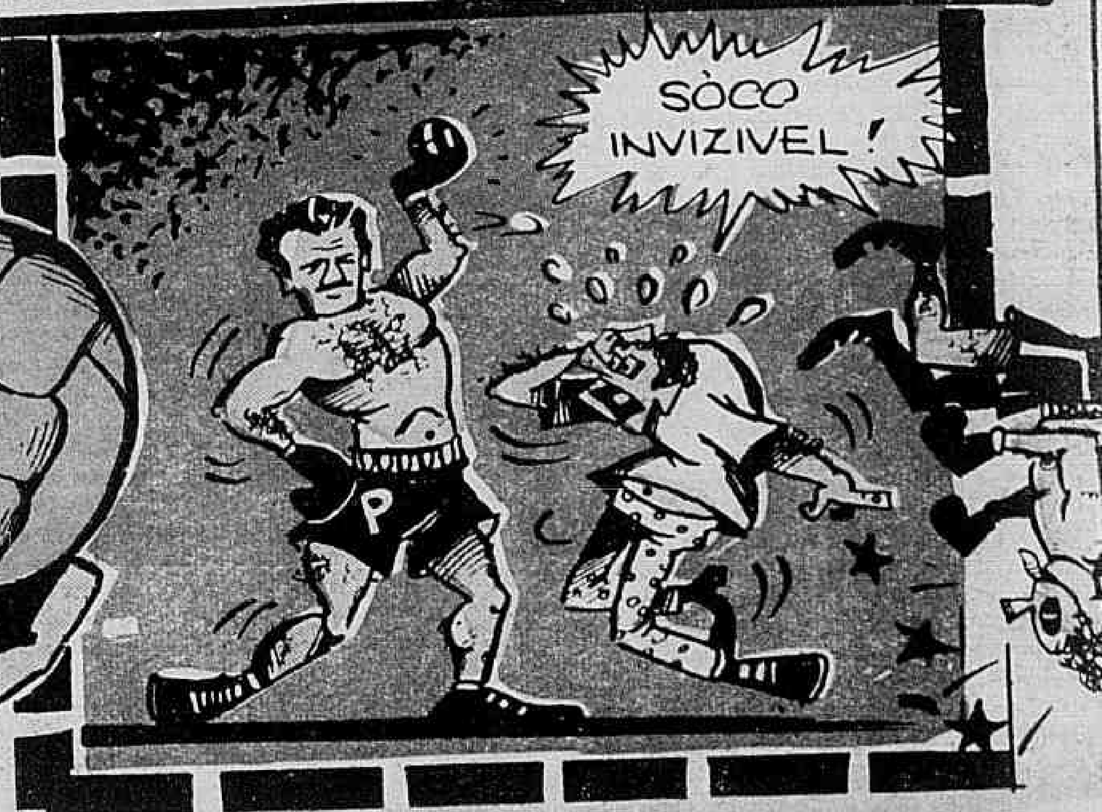


— CHICO, ESTE SENHOR ESTÁ PERGUNTANDO SE VOCÊ QUER ENTRAR PARA O FLAMENGO'

PIRILO



SE PIRILO FOSSE BOXEUR SERIA CAPAZ DE DERROTAR O ADVERSÁRIO SEM QUE NINGUEM VISSE O SÔCO...



SUBSTITUINDO LEONIDAS E HELENO QUANDO ESTES ESTAVAM NO APOGEU, PIRILO DEMONSTROU SUA GRANDE CLASSE



OS ANOS PASSAM E PIRILO VAE FICANDO...

